

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

VERIDIANA RAVAGIO

PARQUE LINEAR NA ORLA DO RIO TIETÊ COMO MEIO DE RECUPERAÇÃO
AMBIENTAL E PROMOÇÃO DO LAZER – IGARAÇU DO TIETÊ

BAURU

2022

VERIDIANA RAVAGIO

PARQUE LINEAR NA ORLA DO RIO TIETÊ COMO MEIO DE RECUPERAÇÃO
AMBIENTAL E PROMOÇÃO DO LAZER – IGARAÇU DO TIETÊ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências Exatas
e Sociais Aplicadas do Centro Universitário
Sagrado Coração, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob
orientação do Prof. Me. Renan Amauri
Guaranha Rinaldi.

BAURU

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

R252p	Ravagio, Veridiana Parque linear na Orla do Rio Tietê como meio de recuperação ambiental e promoção do lazer - Igaraçu do Tietê / Veridiana Ravagio. -- 2022. 128f. : il. Orientador: Prof. M.e Renan Amauri Guaranha Rinaldi Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP 1. Parques. 2. Parques Lineares. 3. Parques em margens de rio. 4. Projeto Urbano. I. Rinaldi, Renan Amauri Guaranha. II. Título.
-------	--

VERIDIANA RAVAGIO

PARQUE LINEAR NA ORLA DO RIO TIETÊ COMO MEIO DE RECUPERAÇÃO AMBIENTAL E PROMOÇÃO DO LAZER - IGARAÇU DO TIETÊ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas do Centro Universitário Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação do Prof. Me. Renan Amauri Guaranha Rinaldi.

Banca examinadora:

Prof. Me. Renan Amauri Guaranha Rinaldi
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof. ^a M.^a Lilian Masumie Nakashima
Centro Universitário Sagrado Coração

Bauru, 13 de dezembro de 2022.

À minha família, pelo apoio, amor e incentivo. Por tudo.

AGRADECIMENTOS

Como forma de demonstrar minha eterna gratidão, agradeço primeiramente a Deus, pelas oportunidades proporcionadas na minha vida, por ser meu conforto e ponto de paz, fazendo com que as situações gerem minha melhor versão.

Aos meus pais, Valéria e Jefferson, por investirem na formação do meu caráter, do meu ser social e profissional, por me fornecerem subsídios pra minha existência, e principalmente por me proporcionarem felicidade através do amor.

Às minhas irmãs, que sempre me apoiaram e me incentivaram na busca da evolução, e que me acompanharam em todos os meus momentos, representando união e fazendo jus ao exato significado de irmandade.

Aos meus avós, que sempre me incentivaram fortemente no âmbito profissional e vibraram por todas as minhas conquistas, por menor que fossem.

Aos meus fiéis amigos de faculdade, por percorrerem comigo essa jornada, fornecendo suporte, incentivo, motivação diária e me inspirando como profissional.

Ao meu namorado e amigos, que me encorajam a prosseguir em busca das minhas conquistas e despertam a minha melhor versão.

A todos os professores que participaram da minha trajetória como aprendiz, por serem o alicerce da educação, sobretudo ao meu professor orientador Renan, ao qual tenho extrema admiração pela competência profissional e também pessoal, e que me auxiliou com paciência, conhecimento e atenção na formulação do meu trabalho final de graduação, compreendendo minhas individualidades, me incentivando e confortando.

RESUMO

Através de uma síntese absoluta, os parques são um grande espaço repleto de vegetação, com amplidão e espaços suficientes capaz de atenuar o congestionamento urbano e auxiliar ecologicamente na natureza. (Olmsted apud GARABINI, 2004) E é no contexto atual no Brasil, que vemos que este assunto nunca recebeu a devida atenção, de forma que este trabalho se reveste da atribuição de importância no assunto. (FERREIRA, 2007)

A pesquisa realizada tem como finalidade a elaboração de um Parque linear na cidade de Igarapu do Tietê-SP. Para a elaboração eficaz da proposta, foi necessário a realização de um estudo bibliográfico acerca dos conceitos, sentidos e definições dos parques, tanto quanto suas tipologias e características, desde das primeiras propostas dos parques lineares, da relação de fundos de vales com as cidades e dos parques lineares na atualidade. Para melhor compreensão e análise da proposta, foi realizada uma abordagem de obras correlatas, que serviram de inspiração para o projeto, quanto ao programa de necessidades e suas distribuições, as características do entorno e como o projeto se moldou na malha existente, as particularidades históricas de cada local, e a estética que complementa seu uso. Além disso, foi realizada uma abordagem em relação a área de intervenção, analisando sua relação para com a cidade, as características topográficas, o uso do solo, sistema viário, às áreas verdes da localização e do seu entorno. Com esse compilado de informações foi possível identificar as melhores soluções projetuais de forma a atender as necessidades locais e dos usuários. Sendo assim, a proposta pretende inserir um espaço de lazer na área, se atentando a aspectos ambientais, visando a regeneração ambiental, e ao mesmo tempo garantir uma oportunidade que a economia e turismo local sejam reativados com um compilado de equipamentos atrativos e convidativos a toda a população local e turistas.

Palavras-chave: parques, parques lineares, parques em margens de rio, projeto urbano.

ABSTRACT

Through an absolute synthesis, the parks are a large space full of vegetation, with sufficient amplitude and space capable of mitigating urban congestion and helping nature ecologically. (Olmsted apud GARABINI, 2004) And it is in the current context in Brazil that we see that this issue has never received due attention, so this work is attributing importance to the subject. (FERREIRA, 2007)

The purpose of the research carried out is the elaboration of a linear Park in the city of Igaraçu do Tietê-SP. For the effective elaboration of the proposal, it was necessary to carry out a bibliographical study about the concepts, meanings and definitions of parks, as well as their typologies and characteristics, from the first proposals of linear parks, the relationship between valley bottoms and cities and of linear parks today. For a better understanding and analysis of the proposal, an approach was made to related works, which served as inspiration for the project, regarding the program of needs and their distributions, the characteristics of the surroundings and how the project was shaped in the existing fabric, the historical particularities of each location, and the aesthetics that complement its use. In addition, an approach was taken in relation to the intervention area, analyzing its relationship with the city, the topographic characteristics, land use, road system, the green areas of the location and its surroundings. With this compilation of information, it was possible to identify the best design solutions in order to meet local and user needs. Therefore, the proposal intends to insert a leisure space in the area, paying attention to environmental aspects, aiming at environmental regeneration, and at the same time guaranteeing an opportunity for the local economy and tourism to be reactivated with a compilation of attractive and inviting equipment for the entire population. the local population and tourists.

Keywords: parks, linear parks, riverside parks, urban design.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Parque Docklands.....	34
Figura 2 – Extensão do Parque Docklands	35
Figura 3 – Aspectos industriais do Parque Docklands	35
Figura 4 – Navio histórico do Parque Docklands.....	36
Figura 5 – Cobertura histórica do Parque Docklands	37
Figura 6 – Pista de Cooper do Parque Docklands	38
Figura 7 – Ciclovia do Parque Docklands	39
Figura 8 – Relação do Parque Docklands com a cidade.....	39
Figura 9 – Docas do Parque Docklands.....	40
Figura 10 – Relação da cidade com o corredor verde de Cali.....	42
Figura 11 – Associação de vegetação do corredor verde de Cali	43
Figura 12 – Ambiente democrático.....	44
Figura 13 – Estudo da paisagem e patrimônio	44
Figura 14 – Corredor verde inserido no contexto urbano	45
Figura 15 – Esquema de mobilidade sustentável.....	46
Figura 16 – Esquema de projetos chaves	47
Figura 17 – Corte esquemático	48
Figura 18 – Corredor verde de Cali	48
Figura 19 – Salón de Pinos	50
Figura 20 – Avenida de Portugal	51
Figura 21 – Huerta de la Partida	52
Figura 22 – Parque da Arganzuela.....	53
Figura 23 – Pontes Cascara.....	54
Figura 24 – Paredes de pedra e escada de concreto.....	54
Figura 25 – Materialidade do projeto	55
Figura 26 – Contexto urbano e projeto.....	55
Figura 27 – Madrid Rio no contexto urbano	56
Figura 28 – Ibirapuera no contexto urbano	57
Figura 29 – Marquise de conexão	58
Figura 30 – Palácio das Nações.....	59
Figura 31 – Palácio das Industrias	60
Figura 32 – Entrada do Auditório Oscar Niemeyer.....	61
Figura 33 – Fundos do Auditório Oscar Niemeyer	61
Figura 34 – Planetário	62
Figura 35 – Programa de necessidades.....	63
Figura 36 – Academia ao ar livre.....	64
Figura 37 – Quadra de futsal e basquete	64
Figura 38 – Playground e ciclofaixas.....	65
Figura 39 – Lixeiras separadas por material e bebedouro	65
Figura 40 – Praça de alimentação IFood	66
Figura 41 – Ponto de venda e ponto esportivo Gatorade	67

Figura 42 – Planta vegetação Ibirapuera	68
Figura 43 – Arborização 1 Ibirapuera	68
Figura 44 – Lago 1 Ibirapuera	69
Figura 45 – Lago 2 Ibirapuera	69
Figura 46 – Contato da natureza e ser humano	70
Figura 47 – Mapa de zoneamento de Igaraçu do Tietê.....	73
Figura 48 – Mapa de Localização na Cidade sem escala	75
Figura 49 – Legenda mapa de Localização na Cidade sem escala	76
Figura 50 – Uso e Ocupação do Solo	77
Figura 51 – Fluxo e Sentido das Vias e Vegetação.....	78
Figura 52 – Legenda mapa de fluxo e Sentido das Vias e Vegetação	79
Figura 53 – Mapa topográfico.....	80
Figura 54 – Cortes topográfico	81
Figura 55 – Planta existente do terreno	81
Figura 56 – Legenda mapa da planta existente	82
Figura 57 – Vista U e V	82
Figura 58 – Vista S e T.....	83
Figura 59 – Vista P, Q e R	83
Figura 60 – Vista N e O.....	84
Figura 61 – Vista L e M	84
Figura 62 – Vista J e K.....	85
Figura 63 – Vista H e I.....	85
Figura 64 – Vista F e G	86
Figura 65 – Vista C, D e E.....	86
Figura 66 – Vista A e B	87
Figura 67 – Croqui.....	90
Figura 68 –Usos do parque	91
Figura 69 – Usos do solo.....	92
Figura 70 – Usos dos quiosques	92
Figura 71 –Usos do restaurante	93
Figura 72 - Painéis de vidro.....	94
Figura 73 - Concreto armado	95
Figura 74 - Madeira	95
Figura 75 – Jardim vertical	96
Figura 76 – Escritórios León Research	96
Figura 77 - Parque Urbano da Orla do Guaíba	97
Figura 78 - Implantação do Parque Linear	98
Figura 79 – Vegetação de grande e médio porte	98
Figura 80 – Vegetação de pequeno porte	99
Figura 81 - Corte A.....	99
Figura 82 - Corte B.....	99
Figura 83 - Térreo do Restaurante	100
Figura 84 - Pavimento 1 Restaurante.....	101

Figura 85 - Pavimento 2 Restaurante.....	102
Figura 86 - Corte C.....	102
Figura 87 - Corte D.....	102
Figura 88 - Corte E.....	103
Figura 89 - Isométrica 1	103
Figura 90 - Isométrica 2	104
Figura 91 - Implantação Quiosques	105
Figura 92 - Corte F.....	105
Figura 93 - Corte G	106
Figura 94 - Corte H.....	106
Figura 95 - Corte I	107
Figura 96 - Vista do deck	108
Figura 97 - Playground 01	108
Figura 98 - Centro náutico e sua relação com o Rio no fim da tarde	109
Figura 99 - Playground 02	109
Figura 100 - Centro náutico e sua relação com o Rio	110
Figura 101 - Centro náutico e sua relação com o Rio a noite	110
Figura 102 - Faixa de areia e Centro náutico	111
Figura 103 - Vista nível pedestre.....	111
Figura 104 - Vista do quiosque menor	112
Figura 105 - Relação quiosques, pergolado e entorno.....	112
Figura 106 - Relação quiosques e entorno	113
Figura 107 - Vista do quiosque maior.....	113
Figura 108 - Fonte interativa	114
Figura 109 - Passeio	114
Figura 110 - Vista aérea do parque.....	115
Figura 111 - Vista aérea em planta	115
Figura 112 - Fachada posterior restaurante	116
Figura 113 - Calçadão e ciclofaixa a beira da lagoa.....	116
Figura 114 - Vista do parque a partir do mirante	117
Figura 115 - Área de apresentação musical Restaurante	117
Figura 116 - Distribuição de mesas Restaurante	118
Figura 117 - Vista da entrada do Restaurante.....	118
Figura 118 - Sala de espera Restaurante	119
Figura 119 - Relação Rua e Restaurante	119
Figura 120 - Relação Rio e Restaurante	120
Figura 121 - Vista do Restaurante por um usuário.....	120
Figura 122 - Vista do 2º Pav. Restaurante	121

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA	13
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 MÉTODOS E TÉCNICAS.....	14
2 PARQUES URBANOS.....	16
2.1 HISTÓRICO DOS PARQUES	18
2.2 PRIMEIRAS PROPOSTAS DE PARQUES LINEARES	21
2.3 FUNDOS DE VALE – RELAÇÃO COM A CIDADE.....	24
2.4 CLASSIFICAÇÃO E FUNÇÕES DOS PARQUES.....	27
3 OBRAS CORRELATAS.....	34
3.1 PARQUE DOCKLANDS	34
3.2 CORREDOR VERDE DE CALI	41
3.3 MADRID RIO.....	48
3.4 VISITA TÉCNICA NO PARQUE IBIRAPUERA – SÃO PAULO.....	57
4 ANÁLISE DA ÁREA	71
4.2 ZONEAMENTO	72
4.3 LOCALIZAÇÃO NA CIDADE.....	73
4.4 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	76
4.5 FLUXO E SENTIDO DAS VIAS.....	77
4.6 TERRENO.....	79
4.7 UTILIZAÇÃO ATUAL.....	81
5 PROPOSTA PROJETUAL.....	88
5.1 CONCEPÇÃO PROJETUAL	88
5.2 CONCEITO E PARTIDO	89
5.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES	90

5.4 MATERIALIDADE	94
5.5 PROJETO	97
5.5.1 Implantação.....	97
5.5.2 Restaurante.....	100
5.5.3 Quiosques	104
5.5.4 Volumetria	107
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

1 INTRODUÇÃO

Partindo da análise atual da malha urbana nas cidades interioranas do Estado de São Paulo e das interrelações dessa para com o meio, a conclusão é de que há ainda uma imensa deficiência de espaços verdes. Espaços esses que podem ser satisfeitos com projetos de parques, como será proposto neste trabalho, um conceito de parque linear na cidade de Igaraçu do Tietê, em uma área próxima ao rio, que possui grande potencial para garantir uma relação saudável no ambiente, e que atualmente se mostra defasada.

Os parques lineares ainda podem ter diversas funções, tais como de drenagem, de proteção, lazer, como estruturador da paisagem, como desenvolvedor econômico e/ou político e ainda como corredor multifuncional, e são característicos por se localizarem próximos a áreas de fundos de vale, como a área de intervenção do projeto (FRIEDRICH, 2007).

Segundo Gabarini (2004, p.17):

[...] aceita-se, a priori, a noção de parque, como espaço livre público, com predominância de cobertura vegetal e massa arbórea, destinado ao lazer, a recreação de massa, podendo eventualmente proporcionar outras atividades, como de preservação ambiental.

O assunto abordado nesse trabalho busca a compreensão da importância de um parque em meio a malha urbana, principalmente aqueles próximos a recursos hídricos, que devem garantir a manutenção sustentável de sua margem, e ainda atribuir equipamentos de desenvolvimento regional e social.

No segundo capítulo são pontuados o histórico do surgimento dos parques em cada país e como foi disseminado esse conceito mundialmente, bem como abordagens referente as definições de parques conforme cada autor analisa a questão e as funções e tipologias existentes. Ainda nesse capítulo, damos enfoque nos parques lineares e sua relação com os rios, o histórico dos rios nas cidades, e como a utilização desses parques se encontram na atualidade

O terceiro capítulo engloba o estudo e análise de quatro obras, sendo elas: *Docklands Park*, no Rio Yangtze, projetado por BAU; O Corredor Verde de Cali, na Colômbia, projetado por Arquitetos Espacio Colectivo e OPUS; Madrid RIO, projeto realizado por West 8; por fim a visita técnica realizada no Parque Ibirapuera de Oscar

Niemeyer, na cidade de São Paulo. A última, teve sua análise no local, tratando-se de uma visita técnica, e permitindo uma observação minucioso sobre o projeto.

O estudo e análise dessas obras serviu de repertório para a elaboração do projeto do parque linear, elemento final resultante do estudo abordado nesta monografia.

No capítulo seguinte, e último, são apresentados levantamentos e pesquisas da área de implantação do projeto, e seu entorno, bem como uma visão geral da cidade de Igarapu do Tietê e dos equipamentos compatíveis a parques no município. Também é demonstrado o estudo de macrozoneamento da proposta projetual para a área de análise, prevendo as ideias necessárias para incorporar o que foi estudando neste trabalho.

1.1 JUSTIFICATIVA

A alavanca projetual foi gerada pela necessidade de qualificação das áreas de fundo de vale, que se encontram em condições precária e de degradação na maioria dos casos. Com grande potencial de desenvolvimento, tais ambientes vem sido alvos de investimento, como explica a Agência de notícias da USP, Prefeitura de Toledo:

A principal razão pela qual cada vez mais cidades têm investido em parques lineares é a recuperação e a preservação dos cursos d'água. Mais do que uma preocupação ambiental, envolve outro grave problema que muitas metrópoles brasileiras enfrentam com frequência: as inundações. Com tantos cursos d'água canalizados em galerias, há menos espaço para que as chuvas escoem, o que é agravado pelo excesso de pavimentação (e impermeabilização) das cidades, com suas grandes avenidas.

À medida que os parques lineares recuperam rios e córregos, além de aumentarem a impermeabilidade do solo nas várzeas, auxiliam no escoamento de água das chuvas e na diminuição dos alagamentos. (Agência de notícias da USP, Prefeitura de Toledo)

Portanto, este trabalho tem como motivação a elaboração de um projeto urbano e arquitetônico de um parque as margens do Rio Tietê, englobando as melhores alternativas estudadas para o ambiente hídrico, e objetivando a recuperação ambiental total e o desenvolvimento regional. Este trabalho busca ainda, ressaltar a importância dos rios nos municípios e como um parque linear agregado é uma alternativa viável e eficaz, atribuindo um melhor desenvolvimento regional, uma alternativa sustentável e de recuperação ambiental, além de ser gerador de bem-estar

na comunidade que usufruirá dos elementos urbanos, das sensações que este é capaz de fornecer e da qualidade de vida proporcionada.

1.2 OBJETIVOS

Aqui serão abordados o objetivo geral e objetivos específicos desta monografia.

1.2.1 Objetivo Geral

Desenvolver um parque linear urbano na orla do rio Tietê, no município de Igarapé do Tietê.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Entender as definições de parque conforme cada autor.
- Conhecer o histórico dos parques e sua disseminação global
- Compreender as tipologias e suas funções
- Entender a definição e característica dos parques lineares
- Analisar a relação entre os rios e cidades
- Compreender a relação na atualidade dos parques lineares
- Analisar obras de referência correlatas como repertório que influenciarão na proposta projetual;
- Elaborar mapas de análise do entorno da área de intervenção afim de compreender as necessidades e potencialidades do local;
- Elaborar planta e corte do terreno da área escolhida com a finalidade de compreender a realidade do lote em relação a sua vegetação, topografia, orientação solar, ventos predominantes e suas visadas;
- Apresentar a proposta projetual teórica;
- Apresentar o programa de necessidades do projeto;
- Desenvolver o anteprojeto, com ilustrações.

1.3 MÉTODOS E TÉCNICAS

O início do trabalho, se constituiu com uma pesquisa de referência bibliográficas através de meios eletrônicos e digitais, e também por meios literários como livros, monografias e artigos acerca dos temas abordados na presente monografia. Para filtrar as melhores concepções, realizou-se um fichamento dos textos abordados, auxiliando na compreensão mais clara do assunto.

Em busca das melhores referências projetuais, a elaboração das obras correlatas resultou de um estudo por meio de sites especializados na abordagem arquitetônica, possibilitando a obtenção de dados, peças gráficas arquitetônicas e imagens, que forem essenciais para complementar e inspirar a proposta da autora. Foi utilizado também ferramentas de localização por satélite como o *Google Maps*, para compatibilização.

Já para a realização da visita técnica a uma obra, a autora foi no local, com um compilado de informações já obtidas através dos meios citados, e por meio de uma câmera fotográfica, registou suas análises.

Para o levantamento do local de análise da área de intervenção e seu entorno, foram utilizadas ferramentas de localização por satélite, Google Earth, e o mapa da cidade de Igaraçu do Tietê fornecido pela própria prefeitura em formato DWG, arquivo este resultante do software AutoCAD da Autodesk que foi usado de base para o desenvolvimento de mapas pela autora. Os mapas desenvolvidos pela autora e seguidos de uma análise detalhada, foram, de localização, destacando os principais acessos à área e os grandes equipamentos existentes; zoneamento municipal; análise atual da área, com usos e equipamentos existentes e com levantamento de imagens; uso e ocupação, fluxo viário com a hierarquia das vias; vegetação e informações climáticas; topografia e seus devidos cortes.

Para a etapa final do projeto, foi iniciado o macrozoneamento da proposta indicando seu programa de necessidades e cortes, desenvolvidos por meio do software *Revit*, e auxiliado pela plataforma de imagens volumétricas *Lumion* para confecção de imagens.

2 PARQUES URBANOS

O termo parque urbano, derivado da praça, originou nos séculos XVIII e XIX, como um grande espaço repleto de vegetação, do qual seria capaz de auxiliar no congestionamento urbano. Essa criação inglesa, se deu através de um processo de industrialização e urbanização:

Inseridos no desenho urbano tornam-se parte do complexo de áreas públicas, livres de edificações. Ora eram utilizados para atenuar os efeitos da insalubridade, do congestionamento do trânsito de veículos e ora como forma de qualificar as cidades. (GABARINI, 2004, p. 17)

São diversas as definições de parque por diferentes autores, diante das diferentes dimensões, usos e equipamentos que apresentam, e diante da análise, que pode ser com ênfase em questão ambiental, ou recreação ou aspecto social.

O parque, que é um elemento típico da cidade grande, possui um papel tão abrangente, que ainda não possui uma definição precisa. Ainda assim, estabelece que esse se estrutura através de um espaço livre público envolto por vegetação e dedicado a atividades de lazer (MACEDO, 2001)

Determina ainda, como todo espaço público de lazer ou de conservação que contenha vegetação, independentemente do seu porte, dimensão, grau de isolamento em relação ao entorno e quantidade de equipamentos urbanos. É todo espaço de uso público destinado a recreação em massa e que incorpore soluções de conservação autossuficientes. (MACEDO, 2001,)

Para Ferreira (2007), dentre todas as funções de um parque, eles ainda contribuem para a sustentabilidade urbana, amenizando as tensões sociais, garantindo o embelezamento local, e satisfazendo os sentidos sensoriais e estéticos humanos. Além disso, são uma resistência a especulação imobiliária, uma vez que ocupam um local que possivelmente seria utilizado para edifícios.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, parque urbano é “Uma área verde com função ecológica, estética e de lazer, no entanto, com uma extensão maior que as praças e jardins públicos”.

Sua inclusão no espaço urbano gera uma harmonia entre áreas pavimentadas e ambientes naturais. Para o Departamento de Parque e Áreas Verdes da Prefeitura municipal de São Paulo (apud BARTALINI, 1996, p. 130), a definição de parque é

O logradouro de uso comum do povo, portanto de acesso livre, mas limitado aos horários de funcionamento, mediante cercas e portões, e que conta com administração própria, sediada no seu interior.

Para Friedrich (2007, p. 39), ainda é incerto atribuir uma definição clara, uma vez que essa diversidade de conceitos, é trazida pela diversidade de culturas, de interesses, de localização e de época, sendo modificada periodicamente pelo período que se vivencia. A autora ainda revela que os parques urbanos surgem não apenas como áreas verdes ou de lazer contemplativo, mas também como áreas dotadas de infraestrutura para atividades esportivas, geralmente pistas de corrida ou ciclovias e playgrounds, podendo até, eventualmente, abrigar espaço para espetáculos ao ar livre.

Esses espaços permitem diversas formas de tratamento, como uma grande área aberta pública, geralmente com áreas maiores que um quarteirão, onde os limites são as ruas e são localizados em locais onde próximos a natureza, mantendo um equilíbrio entre o local urbano e as ambiências naturais.

É onde se concentram equipamentos com variados usos, sejam voltados a recreação e cultura, bem com espaços de vegetação, e quando a necessidade de áreas verdes é gerada em determinada área, é função do governo do município atende-las. (FREDERICH, 2007).

Os parques urbanos surgem não apenas como áreas verdes ou de lazer contemplativo, mas também como áreas dotadas de infraestrutura para atividades esportivas, geralmente pistas de cooper e/ou ciclovias e playgrounds, podendo até, eventualmente, abrigar espaço para espetáculos ao ar livre. (SILVA, 2018, p.25)

Os autores Macedo e Sakata (2003) consideram parque urbano todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno.

O arquiteto paisagista Law Olmsted (*apud* TEIXEIRA, 2007), no relatório de implantação do Central Park, fez algumas observações acerca da definição:

Fui responsável, profissionalmente, por aproximadamente uma centena de áreas públicas. Mas não costumo classificar mais do que vinte delas como “parques”. Pois reservo este termo para lugares que se distinguem não por possuírem árvores, sejam elas isoladas, em grupo ou em maciços, ou por possuírem flores, estátuas, estradas, pontes ou, ainda, coleções disso ou daquilo. Reservo a palavra parque para lugares com amplidão e espaço suficientes e com todas as qualidades necessárias que justifiquem a aplicação a eles daquilo que pode ser encontrado na palavra cenário ou na palavra paisagem, no seu sentido mais antigo e radical, naquilo que os aproxima muito do cenário (OLMSTED JR e KIMBALL *apud* TEIXEIRA, 2007, p. 19).

Como visto, há ainda, certa dificuldade em definir o parque, diante do diversificado papel que esse possui, constatando conceitos vagos e abrangentes. O que se pode concluir de fato, é que os autores consideram os parques espaços livres e de uso público. (TEIXEIRA, 2007)

2.1 HISTÓRICO DOS PARQUES

A história dos parques inicia a partir do século XV, no período do Renascimento, fundamentado em dois pontos primordiais e norteadores de industrialização e urbanização, momento em que através de transformações culturais, econômicas e sociais, surgiram os jardins e parques públicos, e passam a ser observados como aliviadores dos problemas urbanos.

Os parques são equipamentos públicos urbanos difundidos a partir de experiências inglesas, francesas e americanas, no final do século XVIII e início do século XIX, e surgem paralelamente a formação de cidades (SILVA, 2013).

No final do século XVIII, na Inglaterra, o parque surge como um fato urbano relevante e tem seu pleno desenvolvimento no século seguinte, com ênfase maior na reformulação de Haussmann em Paris, e o Movimento dos Parques Americanos – o Park Movement liderado por Frederick Law Olmsted e seus trabalhos em New York, Chicago e Boston. No século XIX surgiram os grandes jardins contemplativos, os parques de paisagem, os parkways, os parques de vizinhança americanos e os parques franceses formais e monumentais (SCALISE, *apud* SILVA, 2013, p.288).

Um dos primeiros modelos de jardim é o italiano, ou renascentista, onde se encontra a simetria e proporção do espaço realizadas por árvores alinhadas, gerando

uma organização mental. No final do século XVII surgiu o modelo do jardim francês, ou clássico, que também se caracterizava pela geometria e simetria em consequência da natureza dominada pelo homem. É no século XVIII, através dos jardins ingleses que surgiu a fonte de inspiração do parque urbano onde se via um domínio sobre a natureza, que antes ameaçadora passa a ser fascinante. São características desse parque com linhas curvas, modelado de relevo em colinas macias, rios e lagos, extensos gramados e grupos de árvores, imitando o que se percebia na natureza. (FERREIRA, 2005)

O surgimento dos primeiros parques urbanos ocorreu durante o período da Revolução Industrial, quando ocorreu a mecanização da lavoura e êxodo rural, aplicação de novos materiais e técnicas construtivas, a aquisição de novos espaços e uma urgente reforma para dar infraestrutura às cidades, e que vivenciando o processo de urbanização, surgiram reivindicações pela criação de espaços ao ar livre voltados para o lazer e recreação. É nesse período, na Europa, que se buscou o autêntico parque natural, através das sensações geradas nos humanos por esses ambientes. (FERREIRA, 2005)

Os Parques Ingleses, que foram os pioneiros da estruturação do que vinha a ser o parque urbano, só vieram a ter pleno desenvolvimento no século seguinte do XVIII, concretizando a transferência de paisagem natural do campo para a cidade, buscando uma relação amigável para com a natureza através de formas orgânicas, com lagos e riachos sinuosos sendo o principal elemento na composição. Esses espaços eram responsáveis pela recreação e lazer através de espaços amenizadores da estrutura urbana. (FRIEDRICH, 2007)

Já na França, onde inicialmente os grandes parques se encontravam junto aos palácios de nobres e reis, parques e praças foram incorporados a grandes projetos de requalificação urbana, representado pelo plano de ação de Haussmann para Paris, através da abertura de grandes avenidas e *boulevards* ligando monumentos da cidade e gerando um sistema de parques urbanos ligados por avenidas. Haussmann buscava incorporar modernização e salubridade, reformulando o espaço, eliminando bairros antigos, e remanejando o contexto viário, ruas, praças, parques e avenidas afim de melhorar a circulação e atribuindo à cidade locais amplos, iluminados e arejados, bem como buscavam os parques ingleses. (FRIEDRICH, 2007)

Em meados do século XIX, nos Estados Unidos, começou-se as discussões sobre a degradação ambiental, e como consequência, buscaram a criação de grandes áreas protegidas. A unidade, entretanto, deveria ser ancorada a estrutura urbana do seu entorno, onde a natureza em espaço aberto permitiria ao transeunte participar da atmosfera intensa do parque. Os movimentos *Conservation Movement* e *Park Movement*, foram criados para serem unidades de Conservação da natureza e como contraponto à baixa qualidade de vida nas cidades americanas, respectivamente. O símbolo dessa alteração no país, se dá pelo Central Park, criado por Frederick Law Olmsted, em Nova York, que traz uma paisagem natural para dentro da cidade e que serviu de princípio para outras cidades do país aplicarem. (FRIEDRICH, 2007)

Olmsted, que influenciou uma sequência de parques públicos, pregava a natureza como ajudante na melhoria da qualidade de vida da população. E foi através de projetos com uma rede de caminhos e corredores verdes, que se tornou necessário o estudo da eficácia desses na restauração de ecossistemas degradados. (MEDEIROS, 2016, p.70)

As concepções foram se alterando com o passar do tempo, e no século XX, o conceito de parque buscava uma nova interpretação, dessa vez com espaços verdes, expressando o uso coletivo. Foram influenciados por características socioeconômicas e culturais das populações de países desenvolvidos, e agora passara a influenciar aqueles em desenvolvimento. (FRIEDRICH, 2007)

Com a busca da reintegração humana as origens na natureza, na década de 50 surge o neo-paisagismo, nos anos 60, esses parques se estendem em locais vaiados e em 70, o conceito ganha definições mais românticas e exuberantes. Mas é em 80, que surge o Movimento Ecológico e da renaturalização das cidades, buscando de fato a requalificação de áreas degradadas através da ligação de áreas verdes num sistema independente. (FRIEDRICH, 2007)

No Brasil, para Macedo (2001), o parque urbano brasileiro não surgiu da urgência social de atender as necessidades das massas urbanas da metrópole dos século XX, uma vez que até mesmo a capital do país, ainda não tinha o porte de qualquer cidade europeia. O parque só foi criado como uma figura complementar ao cenário das elites emergentes, que buscavam aqui construir uma imagem urbana semelhante aos cenários internacionais, em especial a ingleses e franceses. (MACEDO, 2001)

Somente no século XIX, em 1808, quando houve a vinda da família real para o Brasil, ocorreu um momento de estruturação do país como nação e um objetivo de embelezamento nas cidades, principalmente no Rio de Janeiro, que foi palco dos três primeiros parques públicos: O Campo de Santana, o Passeio Público e o Jardim Botânico. (MACEDO, 2001 p. 16)

Ainda neste século, foi marcada a transformação formal dos velhos largos e terreiros em espaços modernos, dignos para as elites, que aos poucos foi se apropriando das áreas centrais, expulsando favelados, ambulantes, feirantes e cortiçados. (MACEDO, 2001)

Esse é o período do parque contemplativo, feito para a flânerie, para as pessoas deslizarem suavemente em meio a um cenário delicadamente concebido, imaginando estarem a passear em uma arcádia tropicalizada, na qual todos os arranjos espaciais foram idealizados e implementados de modo a criar uma paisagem alheia a realidade do entorno. Nesse cenário, plantas nativas eram misturadas com espécies europeias ou oriundas da Ásia e da África. (MACEDO, 2001, p. 21)

Ainda com a forte influência por Auguste François Marie Glaziou que concebeu os parques e jardins modernos de Paris, as características clássicas e geométrica do início do século, coexistiu com os desenhos românticos do paisagista, nos parques brasileiros, por onde a aristocracia desfilava.

No Brasil do século XIX e da Belle Époque o parque é um elemento codificador de uma modernidade importada, alheio às necessidades sociais da massa, que utilizava de terreiros e vazios urbanos. Durante todo esse século e também no século XX o parque era considerado um equipamento desnecessário para o prazer imediato e cotidiano da população. (MACEDO, 2001 p. 21)

A partir do final do século XIX, os parques passam a fazer parte do planejamento urbano e assumem novas funções, como o esporte e o lazer. (MACEDO, 2001)

2.2 PRIMEIRAS PROPOSTAS DE PARQUES LINEARES

Apesar de pouco falado, o conceito de parques lineares já aparecia no século XIX na Europa, através de projetos inovadores. Um dos primeiros planos de área verde urbana que se teve conhecimento foi o Birkenhead Park, proposto por Joseph

Paxton, no ano de 1843, na Inglaterra. Propunha-se um conceito de parque dentro do sistema viário (FRIEDRICH, 2007)

O segundo plano proposto, na época, foi o plano para a cidade de Berlim, na Alemanha, criado na década de 1840 por Lenné e que instituía um sistema de parques e canais de comunicação com o rio Spree, integrando soluções para garantir a navegabilidade e a defesa contra as cheias. O projeto arquitetônico dos canais e das margens envolvia objetivos estéticos, por meio da valorização das margens; funcionais, assegurando a navegabilidade através de comportas e; ecológicos, promovendo um nível freático adequado ao desenvolvimento da flora do parque de Tiergarten (FRIEDRICH, 2007)

A autora Friederich, entretanto atribuí ao arquiteto, paisagista e agricultor norte-americano Frederick Law Olmsted, o precursor de parques lineares, uma vez que, em 1865, ele teria introduzido o conceito de *parkways*, que seriam caminhos de ligação entre parques e outros espaços abertos, ligados entre si e suas vizinhanças.

Nos anos de 1866 e 1867, Olmsted e o arquiteto inglês Calvert Vaux projetaram o Brooklyn's Prospect Park, um dos primeiros parques lineares a ser implantado e que atualmente faz parte do Brooklyn-Queens Greenway, em 1868 realizaram o primeiro projeto de parques interligados na cidade de Buffalo e um Parkway no estado de Illinois, unindo o subúrbio Riverside a Chicago e, entre 1887 e 1895, projetaram o Emerald Necklace, que foi considerado como a maior realização de Parques Lineares, compondo um arco ao redor da cidade de aproximadamente 7,2 km de extensão. (FRIEDRICH, 2007, p. 47)

Olmsted vislumbrou no desenho dos parques urbanos uma solução para a desintegração do tecido físico e social das grandes cidades, oferecendo à população oprimida em espaços insalubres um mínimo de contato com a natureza. Ele considerou de suma importância a implantação de áreas abertas para combater as habitações insalubres e os problemas de saúde coletivos das cidades antigas. Para isso buscou incorporar elementos presentes na vida rural – como espaço, insolação e ventilação – no arranjo urbanístico (FRIEDRICH, 2007).

O arquiteto paisagista, ainda reconheceu a exploração exacerbada dos recursos naturais, e fez com que a intervenção na paisagem incluísse o verde na malha urbana. Seu pensamento aplicado a prática serviu de influência para o resto do mundo no século XX, que passou a valorizar a paisagem natural, a manter a vegetação nativa e a preservar os recursos hídricos. Esse último, começou a ser

notado como aspecto chave nos projetos, não apenas por parte estética da paisagem, mas como alimentador da infraestrutura urbana, e foi salientado sua importância na reprodução social. Essas relações de harmonia entre as partes, são materializadas nos parques urbanos lineares. (MEDEIROS, 2016)

Além de Olmsted, um dos primeiros estudiosos a conceituar os corredores verdes, foi Ahern (apud MEDEIROS, 2016), incorporando características de linearidade e de uma rede de caminhos com vínculos e conexões espaciais de diversas escalas, aos parques. Devem também constituir de espaços multifuncionais, sem deixar de atribuir questões ambientais e econômicas.

No Brasil, a partir do final do século XIX e início do século XX, que os parques mais elaborados e com funções apropriadas começaram a ser mais presentes, e é notável a aparição deste em regiões com água. (MACEDO, 2001)

Nesse período a população ainda considerava como desnecessária a ideia de parque, já que não atendia o prazer imediato e cotidiano da população, que foi analisado os recursos naturais como possibilidades de espaços para lazer. Esses espaços de vazios urbanos, imensas áreas de terras, geralmente várzeas de rio, foram os antecessores das áreas de lazer urbanas formais, do tipo praticado em parques e praças. Com a diminuição de áreas para lazer das massas menos privilegiadas a segunda metade do século XX, que esse tipo de parque se tornou uma necessidade social. (MACEDO, 2001)

Definitivamente no século XX a orla oceânica se destacou como um espaço de lazer, e é nesta que se encontra respaldo do poder público, que percebe a relevância social. Esses espaços são tratados como grandes áreas ajardinadas e as calçadas são bem pavimentadas, e ao longo do processo ganham uma nova postura, sendo requalificados para áreas esportivas e pontos de encontro como quiosques e restaurantes, necessitando também de um local menos ajardinado. (MACEDO, 2001)

Essas praias urbanas – primeiro Copacabana, Santos e Guarujá e posteriormente centenas de outra pelo país – se tornaram um dos padrões de parque brasileiro, devido ao seu uso e também a sua configuração morfológica e equipamentos. E com o tempo a orla urbana passa a ser tratada paisagística e linearmente se estendendo por toda parte e dando origem a espaços de ótima qualidade projetual e funcional. (MACEDO, 2001 p. 32)

Medeiros (2016, p. 94), descreve o comportamento desse parque perante todos os outros:

Portanto, é na forma, mais do que na função, que os parques lineares se distinguem mais claramente dos outros espaços livres públicos. A forma é uma existência física concreta do espaço enquanto que a função é mutável ao longo do tempo. A forma, no caso dos espaços livres, é na maioria das vezes, dependente da distribuição das edificações ou da malha urbana. No caso do parque linear, temos a percepção de um espaço alongado, onde uma dimensão é bem maior do que a outra.

2.3 FUNDOS DE VALE – RELAÇÃO COM A CIDADE

Partindo do histórico conceito de rios, se nota o papel essencial na formação do que viriam a ser cidades e civilizações, pois é através do seu leito e suas margens que fluíam as transações comerciais, além das atividades voltadas a subsistência, com atividades agrícolas, pecuárias, de pesca e coleta de água. (GUIMARÃES, 2006)

O papel dos rios em todos os campos de estudos foi fundamental, dando sentido as criações sócio-culturais e econômicas de cada local, e dando início a história da humanidade, demarcando também a relação de homem com a natureza, na construção da paisagem. Essa relação foi possível pela agricultura nas terras férteis, ideal para o desenvolvimento de um povoado todo, permitindo agora a transição de um povo nômade a um povo mais ligado ao território, como vemos nas civilizações da Mesopotâmia para com os rios Tigres e Eufrates, e também os egípcios para com o Nilo (GUIMARÃES, 2006)

O rio, era representante da vida, e esses povos construíram em volta desse a estrutura de um território, com locais para culto e práticas culturais. Guimarães, ressalta a potencialidade que ele traz:

Assim como as franjas marítimas definiram e definem ainda hoje espacialidades urbanas pelas relações comerciais desempenhadas entre lugares e continentes distintos, os rios navegáveis, caracterizando-se como caminhos naturais, definem territorialidades que expressam o ingresso do homem no território no sentido de ocupá-lo, de dominá-lo. (GUIMARÃES, 2006, p. 65)

Além do controle territorial e alimentação, os cursos da água ofereciam outros aspectos que atraíam ainda mais a sociedade, como circulação fluvial de pessoas e lazer, através da criação de espaços livres em suas margens com grande valor social

e convívio coletivo. Além destes, os rios também são importantes corredores ecológicos, permitindo a presença da fauna e da flora no interior das cidades. (COSTA, 2006). No Brasil, vemos essa relação íntima entre rios e cidades:

Muitas das cidades coloniais surgiram inicialmente às margens dos rios – mesmo aquelas situadas em baías ou à beira-mar. É, portanto, a partir de rios – grandes, médios, ou ainda pequenos cursos d’água – que muitos núcleos urbanos brasileiros vão surgir (COSTA, 2006, p. 10).

É intensa a relação dos rios e suas várzeas com as cidades e com a ocupação de terras, principalmente no interior, como o Rio São Francisco e o Rio Tietê, nas regiões interioranas do nordeste e sudeste. Esses, respectivamente, serviram de rota de estabelecimento de pontos estratégicos e como caminhos de integração das regiões nordeste e sudeste brasileiro; e também como redutores de problemas ambientais de alagamentos através de práticas inseridas, influenciando assim na economia do estado de São Paulo. (GUIMARÃES, 2006)

Os fundos de vale são importantes geomorfologicamente, uma vez que diversos processos naturais ocorrem por meio desse. São exemplos disso, o escoamento das águas pluviais, que são gerados pelo ciclo hidrológico e atuam como agente geológico, onde é visto a erosão, transporte e sedimentação. Há dois tipos deles, o encaixado - com grandes declives, terrenos secos e pouco suscetível às enchentes, e sua forma é em “V”, possuindo cachoeiras e corredeiras - e o de várzea, com relevo plano e um rio em um estágio mais maduro, com processos naturais de cheias (CARDOSO, 2009).

Apesar de sabido a importância desse recurso natural, se tem visto o contrário de preservação: habitações irregulares em suas margens, depósito de esgoto doméstico e industrial, entre outro. A resultante das ações humanas, não são benéficas, nem mesmo para eles mesmos, trazendo enchentes periódicas. (COSTA, 2006).

Cidades invadindo as águas, e águas invadindo as cidades – situações pendulares, cíclicas, geradas a partir de antigos conflitos entre os sistemas da cultura e os sistemas da natureza. (COSTA, 2006, p. 10).

É muito difícil para um rio, atravessar o tecido urbano, já que são vistos como agentes de saneamento e drenagem urbana em muitos dos casos, e este conflito entre os processos fluviais e urbanização acabam por resultar nas drásticas alterações na

estrutura ambiental, levando o completo desaparecimento dos cursos da água em meio urbano. Há ainda uma questão cultural a ser analisada, uma vez que, enquanto em alguns locais esse recurso ambiental possui certo valor, em outras culturas, não há grande conexão e apreço para com esses. (COSTA, 2006).

Em um contexto político e histórico, a alteração do cenário urbano demarcada pelo êxodo rural e a prioridade em redes de energia elétrica e de transportes, deixou o planejamento urbano em segundo plano, bem como soluções urbanísticas no campo da habitação, transporte, saneamento, saúde e educação, resultando na proliferação de ocupações periféricas em áreas de riscos, como as encostas e as margens dos rios. (GUIMARÃES, 2006).

Antes o rio que desenhava, agora passou a ser desenhado pelas cidades que passaram a configurar a paisagem. E apesar de serem a única área verde com potencialidade de uso público em meio a alguns meios urbanos, ele ainda é raramente considerado uma parte da paisagem urbana com potencial de local para convivência. Além da descaracterização das paisagens do rio por ocupações clandestinas e estabelecimentos industriais, bem como seus poluidores, o transporte motorizado e suas vias de circulação foram auxiliares da degradação ribeirinha e desequilíbrio ambiental. Essa deterioração provocada pelo crescimento urbano abrupto e desordenado resultou no agravamento da saúde pública. (GUIMARÃES, 2006)

No século XX, foram então estabelecidas obras sanitárias de engenharia por Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, através de princípios organicistas de planejamento, e com valor estético agregado. Tal fase ficou conhecido como período higienista e marcou a primeira, das três fases de intervenção nos cursos d'água. (GUIMARÃES, 2006)

Já a segunda fase, em 1950 e 1980, focado nas diretrizes do Plano Urbanístico Básico, é voltada para as canalizações dos rios e aberturas de avenidas nos fundos de vale, buscando minimizar o fluxo nas avenidas da cidade, unir loteamentos que antes estavam afastados pelos rios e trazer movimentação para a área conhecida como “fundo” da cidade. A terceira fase, que ocorreu em 1990, teve como premissa o novo conceito de drenagem urbana, a de reservação, que constava com o armazenamento da água para diminuir o possível impacto para a jusante, amortecendo as enchentes, que eram recorrentes devido a extinção das margens e sua impermeabilização. (COSTA, 2006)

Atualmente, foi incorporado limites de uso dos bens naturais, e a relação entre ambiente urbano e águas pluviais sugere uma nova concepção de intervenção para a ocupação do solo. A preocupação com as zonas ribeirinhas degradadas, geraram programas de recuperação, que com o auxílio contextual de cursos d'água e mata ciliar, são capazes de promover potencialmente uma exploração benéfica da paisagem e um lazer contemplativo. Para que de fato, a intenção se faça real, deve ser atribuído um uso urbano relevante, levando a população o sentido e importância da não deterioração desse local e a consciência ambiental. (FRIEDRICH, 2007)

2.4 CLASSIFICAÇÃO E FUNÇÕES DOS PARQUES

Desde o surgimento dos parques nas cidades, o termo parque ganhou diversas características e definições. Em alguns casos, onde há uma visão retrograda da questão, a imagem de parque limita-se ao ideal do parque paisagístico do século XIX, como no Central Park em Nova York de Frederick Law Olmsted, com seus extensos gramados, lagos e grandes massas de vegetação. (FERREIRA, 2006)

A partir das décadas de 1960 e 1970, entretanto, o conceito de parque, necessitou de adequações quanto ao seu conceito, visto que as transformações econômicas, sociais e culturais levaram novas atribuições à esses espaços. No Brasil, ainda não há essa visão ampla de conceito de parque, ficamos limitados ainda a imagem do Central Park, e embora a sociedade reduza o parque as antigas concepções, é inclusive nessa nação que o parque ganha um repertório de concepções, e que devem ser também agregadas na definição de parque. (FERREIRA, 2006)

Segundo Teixeira (2007, p.10),

[...] o parque urbano é o responsável por suprir as demandas de equipamentos para atividades de recreação e lazer decorrentes da expansão urbana e o do ritmo da cidade industrial, tornando um espaço amenizador das estruturas urbanas, e compensador das massas edificadas. Por sua vez, estes devem ter um programa de necessidades compatível com a realidade local, respeitando os interesses dos grupos que frequentarão. (Teixeira, 2007, p.10).

São diversas as classificações ou definições de parques por diversos autores, tanto no âmbito social, espacial ou ambiental.

Para Carneiro (2007), parques Urbanos são espaços livres e público, onde se predomina a função recreativa nas grandes quadras, e a paisagem natural ganha espaço. Considera ainda, as faixas de praia, uma das tipologias de parque, da qual é desenvolvida em área litorâneas, e com uma vegetação bem específica, os coqueiros, sendo nessa área que também é visto equipamentos esportivos e contemplativos. Há ainda as margens de rio, definidas por espaços lineares delimitados pelos corpos d'água, propícios ao desenvolvimento vegetal. Delimita ainda, a praça como elemento de espaço limitado a quadra, sendo um organizador da circulação e de amenização pública, e com função de convívio.

Para Macedo (2001, p.16):

[...] o Brasil, é comportado parques cujas dimensões são menores, e que atendem solicitações de lazer, sejam essas esportivas ou culturais, ao contrário do que era visto anteriormente onde a principal função de um parque era contemplativa. Essas características, são vistas naqueles tipos de parques urbanos.

Ao longo do século XX diversas funções começaram a aparecer, como a esportiva, as de conservação de recursos naturais, vistas nos parques ecológicos; e as do lazer sinestésico dos brinquedos eletrônicos, mecânicos e dos espaços cenográficos, agora nos parques temáticos. (MACEDO, 2001)

Inaugurado pela Disneylandia, em 1955 surgiram os parques temáticos, descendentes dos parques de diversões e das feiras de exposição, que atualmente é representado como forma de lazer eletrônico, representado por lugares irreais e imaginários. Já na década de 1980, se tornou popular o parque ecológico, que tem como objetivo a preservação dos recursos ambientais, e conta também com áreas de lazer ativo (jogos, recreação) e passivo (caminhadas). Há também os pesqueiros, onde se encontra áreas para pesca, piquenique, playgrounds, quadras, piscinas, gramados e restaurantes. (MACEDO, 2001)

A classificação Parques de Recreação, segundo Teixeira (2007), foi cunhada por Rosa Grena Kliass para o Plano de Áreas Verdes de São Paulo, e apresentam as subdivisões de acordo com sua localização:

- Recreação de vizinhança: Pequenas áreas (12.000 a 28.000 m²), de fácil acesso a população e geralmente em um raio de 500m a escolas de primeiro grau, sem grandes tráfegos de veículos. São áreas destinadas à recreação de crianças e também estrutura área de estar para adultos.

- Recreação de bairro: Com áreas médias de entre 48.000 e 80.000 m², se localizam ao redor de escolas secundárias, permitindo recreação ativa a uma faixa etária entre 11 e 24 anos e recreação passiva a adultos.
- Setoriais e metropolitanos: Essas grandes áreas (superiores a 200.000 m²) são estabelecidas e equipadas para recreação de toda a população municipal ou metropolitana. Seus usos ocorrem geralmente em finais de semana e em período de férias e há predominância de cobertura vegetal. Teixeira (2007)

Ainda quanto a localização dos parques, para atender a população em sua totalidade, Escada (apud TEIXEIRA, 2007, p. 13) classifica os parques como:

- Parques de vizinhança: planejados para servir a vizinhança ou uma unidade de habitação, seu uso localizado serve para substituir as ruas e os quintais de casas. Por possuírem tamanho reduzido, abrigam alguns tipos de equipamentos ligados à recreação e devem distar entre 100 e 1.000 m das residências ou do local de trabalho.
- Parques de bairro: com áreas mínimas de 10ha., podem desempenhar função paisagística e contém uma gama maior de equipamentos de lazer
- Parques distritais: Com dimensões superiores a 100ha., contêm elementos naturais de grande porte, tais como montanhas, cachoeiras, florestas, e seus equipamentos áreas para acampamentos, trilhas para passeios a pé e a cavalo, locais de banho, natação, esporte e outros.
- Parques metropolitanos: Também são espaços livres de grandes dimensões, e sua responsabilidade é extra urbana, devendo possuir os espaços e equipamentos de lazer citados nos parques distritais.

Há também, os parques lineares, que são caracterizados por redes de áreas protegidas, baseadas em sistemas de caráter linear, com objetivos ecológicos, estéticos, culturais, históricos e recreativos, e que buscam proteger zonas frágeis ecologicamente. Esse modelo de parque, é considerado as novas artérias ambientais das cidades e que criam corredores de espaços abertos, acompanhados dos mais diversos cursos da água e protegidos pela conservação do meio ambiente e recreação da sociedade. (FRIEDRICH, 2007)

Para Friedrich, o parque linear possui diferentes funções, como a função de drenagem, visto que o parque linear visa garantir a permeabilidade do solo das margens dos cursos d'água, dispondo o fim da canalização. Essa função foi vista em cidades do norte da África no período do Império Colonial Francês, através das bacias de acumulação de água para controlar enchentes da cidade. Tal técnica, ficou definida como Bacias de Estocagem e foi implantada em ambiente urbano para épocas de estiagem e são consideradas como propostas de medida não estrutural para controle de cheias. (FRIEDRICH, 2007)

Há também a função de proteção e manutenção do sistema natural, que busca inserir necessidades de proteção e manutenção da diversidade biológica, dos recursos hídricos, da qualidade da água dos prejuízos das cheias, de melhoria de outras infraestruturas urbanas, conectados por áreas verdes em ambientes urbanos e cursos d'água. (FRIEDRICH, 2007)

Esse tipo de parque permite conexão entre eles, através de passeios, atuando sobretudo como corredores migratórios para plantas e aves, além de serem redutores de riscos para inundações e erosões, bem como preservação de paisagens, recursos naturais e vistas cênicas no ambiente urbano. Deve englobar ações de prevenção e correção de impactos, como podemos ver em parque na Alemanha, Estados Unidos e Espanha, buscando a renaturalização de rios e córregos. Essa recomposição é factível a recomposição de rios em seu estado mais natural, como mostram algumas experiências realizadas na Europa. Algumas experiências de plano verde, também são vistas em Portugal, buscando o reordenamento do território através da estrutura ecológica da paisagem com a estrutura de construção. (FRIEDRICH, 2007)

Já a função de lazer, busca, educação ambiental e de coesão social, aliada as funções anteriores, também se destaca o lazer como uso em troca da ocupação irregular humana. Essa área geradora de passividade, promovem na sociedade a importância de espaços abertos e naturais para uma melhor qualidade de vida. (FRIEDRICH, 2007)

Esse local, deve fornecer necessidades urbanas de promoção recreacional, educacional e de coesão social, com atividades de baixo custo. E aos aspectos socioculturais, esse, deve englobar ações como educação ambiental, cidadania, culturais e de pesquisa, bem como lazer ativo e contemplativo e circulação não motorizada. (FRIEDRICH, 2007)

A função de estruturação da paisagem urbana, por sua vez, considera a implantação de equipamentos desse tipo exigem uma relação coerente e equilibrada entre o tecido urbano e a estrutura ecológica. São incorporados princípios de planejamento ambiental ao planejamento arquitetônico e urbano, uma vez que a qualidade ambiental reflete na qualidade de vida. Essa ideia é notável através da física espacial, onde os espaços coletivos são elementos articuladores e limitadores do tecido e como interface social, onde os espaços se caracterizam por acessibilidade de usuários e legitimação social. (FRIEDRICH, 2007)

Ainda a função de desenvolvimento econômico, condizem a parques desenvolvidos em fundo de vales, que são considerados democráticos, apresentando possibilidades econômicas que compensam investimentos necessários para criá-los e mantê-los. Esses beneficiam diversas áreas de uma cidade, valorizando, atraindo usuários e melhorando a qualidade de vida urbana. Vale ainda pontuar, que além das atividades esportivas, culturais e de lazer, eles servem de caminho para pedestres que buscam ir de uma região a outra. É ainda de suma importância que esses garantam a participação de todos os segmentos da sociedade em sua concepção. (FRIEDRICH, 2007)

Atribui ainda, a função de corredor multifuncional, que durante o período pós-moderno, características ambientais, culturais, econômicas e sociais, foram atribuídas ao parque, e junto a isso foram designadas funções de mobilidade urbana sustentável, diversificação do solo urbano, controle das cheias, recreio, produção de hortas, requalificação da imagem urbana e de definições de zonas susceptíveis de serem ocupadas pelas construções. (FRIEDRICH, 2007)

Diante dos diversos usos e subdivisões, Teixeira (2007), conclui:

Se, em se falando de definição de parque urbano, a falta de consenso entre os estudiosos e técnicos é bastante ampla, no campo da classificação, o problema parece ser bem maior. Vários autores arriscaram-se a criar categorias, as quais foram apresentadas aqui, mas alguns se prendem a aspectos pouco objetivos, como por exemplo, a população servida, o raio de abrangência e dimensões dos parques. Deste modo, gera-se certa confusão e, por conseguinte, não se elucida a questão. (TEIXEIRA, 2007, p.14)

Para Costa (2006, p.11):

a paisagem urbana tem valor agregado quando a complexidade do sítio paisagístico se molda nos contornos da cidade, principalmente ao se falar

dos recursos hídricos, que geram um nível de repouso mais baixo, e são capazes de conectar todos os elementos da natureza. Torna-se fundamental que nas propostas projetuais, o rio vibre na cidade com sua natureza fluida e viva, e de hipótese nenhuma seja retificado e canalizado.

Nas últimas décadas, a preocupação crescente com a degradação dos recursos hídricos nas áreas metropolitanas, trouxe novas iniciativas no campo da arquitetura e paisagismo, dando uso e valor para as áreas e reformulando seus paradigmas. (MEDEIROS, 2016)

Atualmente, através de dispositivos legais, novas medidas tem sido tomadas na prerrogativa de dar um novo sentido a essas áreas, visando admitir a utilização ambiental sustentável das margens de rios, bem como transformando em áreas verdes de domínio público. Abordado os limites, potencialidades e especificidades de preservação da área, é permitido um estudo abordando as soluções para resgatar a sua condição de marginalidade. Essas áreas de várzea, definida através de grandes espaços verdes, são caracterizadas como parques lineares: (GUIMARÃES, 2006)

Os parques lineares não só articulam questões de caráter ecológico ou ambiental garantindo a preservação de distintas espécies vegetais e animais, como dá um passo além. Permeiam questões relativas a paisagem de um modo geral, possibilitando a construção de parques ecológicos, de áreas esportivas e educacionais, dentre outras atividades de cunho sociocultural. (GUIMARÃES, 2006, p.33)

Segundo Fredrich, (2007) o conceito de parque linear difere do de parque isolado, de desenho geométrico regular e limites finitos. Através de um traçado continuo conecta espaços edificados e espaços abertos, e essas áreas lineares são destinadas a conservação e preservação dos recursos naturais. Quando esse é agregado às áreas de fundo de vale se tornam um espaço aberto, livre e de pouca manutenção, levando a troca dos espaços recreativos, os playgrounds e jogos lúdicos, pela preservação ambiental, pela prática de caminhadas e pelo lazer contemplativo. (FRIEDRICH, 2007)

Esse local, que busca agregar aspectos paisagísticos, florestais e humanos, ganham cinco categorias amplas:

Parque linear criado como parte de programas de recuperação ambiental, normalmente ao longo de rios e lagos;
Parque linear criados como espaços recreacionais, geralmente ao longo de corredores naturais de longas distâncias, tais como canais, trilhas ou estradas abandonadas;

Parque linear criados como corredores naturais ecologicamente significantes, ao longo de rios ou linhas de cumeada, que pode possibilitar a migração de espécies, estudos da natureza e caminhadas a pé;
Parques lineares criados como rotas cênicas ou históricas, ao longo de estradas, rodovias, rios e lagos;
Rede de parques, baseada em formas naturais como vales ou pela união de parques lineares com outros espaços abertos, criando infra-estruturas verdes alternativas (Little, apud Friedrich, 2007, p.57)

O parque linear, que pode estar ligado a diversos recursos hídricos, contribui na restauração de áreas alagadas e degradadas, conduzindo as águas das chuvas e criando caminhos vegetais. Ele vem se tornando uma ferramenta importante para o planejamento de áreas livres em meio urbano, bem como a criação de políticas públicas para uma qualidade satisfatória de vida da comunidade. (MEDEIROS, 2016, p. 69)

3 OBRAS CORRELATAS

Este capítulo abordará as obras escolhidas que terão a finalidade de servir como referência e repertório para a elaboração da proposta projetual desse estudo. Para a escolha dessas obras, foi considerado o tipo de uso dado a elas, os materiais utilizados e outros aspectos como fluidez e integração entre ambiente interno e externo, que serão utilizados no desenvolvimento do projeto dessa monografia.

3.1 PARQUE DOCKLANDS

Parque Docklands (Figura 01), realizado por BAU (Brearley Architects & Urbanists), e arquitetado principalmente por Zeng Jianghe, Xiazhi, se localiza em uma zona ribeirinha, com o rio mais movimentado do mundo e conta com uma metragem quadrada de 367000 m². (ARCHDAILY, 2021)

Figura 1 - Parque Docklands



Fonte: Archdaily

O parque, que se encontra na Cidade de Jiangyin, Província de Jiangsu, China tem como 5 principais objetivos para transformar o local que conta com inúmeras docas industriais em um distrito de alta densidade: (ARCHDAILY, 2021)

Em busca de restabelecer os corredores dos ecossistemas indígenas, o projeto reabilita, preserva, aprimora e amplia uma serie de micro habitats, através de um corredor de arvores e plantas nativas, que conecta o nó ecológico da montanha Ebizui, a leste, com o corredor ecológico do canal, a oeste. A margem do rio é protegida e

reforçada por rochas soltas dimensionadas pra o local (Figura 02). (ARCHDAILY, 2021)

Figura 2 – Extensão do Parque Docklands



Fonte: Archdaily

Os vastos cais de concreto desgastado e coloridos pela terra, oferecem uma vista para o rio, com um olhar sublime e uma escala predominante. Novas intervenções dentro e fora do cais, levam robustez e clareza no contexto, como pode ser observado na Figura 03, e apesar do distrito ser caracterizado por vitalidade, a paisagem é complexa e proporcionam ao cidadão um lugar de fuga. (ARCHDAILY, 2021)

Figura 3 – Aspectos industriais do Parque Docklands



Fonte: Archdaily

Para manter a presença histórica do passado, com a plana para estocagem de matérias primas e uma instalação de construção naval, foi realizado um palimpsesto, com uma série de camadas ecológicas, circulatórias e programáticas e espaços para atividades e espaços abertos inclusivos e diversos. (ARCHDAILY, 2021)

A camada de histórico inclui rampas de lançamento de navios; guindastes de pórtico e trilhos; estruturas de fábrica de construção naval (Figura 04); molhes; um jardim chinês; uma estrada arborizada; e vários outros artefatos (Figura 05). Outras camadas ao longo do terreno incluem: conexões (trilhas para pedestres, ciclovias, calçadão aquático, extensões de vistas de e para o local e caminhos dos novos bairros – todos maximizando as ligações entre a cidade e a água); lazer ativo (quadras esportivas e pista de skate); brincadeira (parque infantil de aventura em forma de navio e área de ginástica para idosos); convívio social (grande praça, centro de visitantes e grandes pavilhões); relaxamento (pequenos pavilhões, assentos íntimos, mesas de piquenique e instalação de interpretação de navios); e ecológicos (jardins pluviais, habitats à beira d'água, eco-corredor). (ARCHDAILY, 2021; AMAZING ARCHITECTURE, 2021).

Figura 4 – Navio histórico do Parque Docklands



Fonte: Archdaily

Figura 5 – Cobertura histórica do Parque Docklands



Fonte: Archdaily

Três portos históricos: A cidade, que contava com três portos históricos, são origens de Jiangyin, e se caracterizam por serem, ou maior espaço aberto da doca para eventos públicos, ou um local integrado em sua pavimentação, ou porto industrial. Foram estabelecidos então, uma praça, parque e restaurante de peixe (que oferece um mirante), além de uma arte de pavimentação integrada, para comemorar o Porto de Shiyu e o mercado de peixes, que data o século XVI. (AMAZING ARCHITECTURE, 2021)

Após a cultura Chinesa descobrir a variedade de atividade de lazer, foi fundamental apresentar através do projeto uma variedade de lazer pra todas as idades.

Ligadas por uma pista de cooper (Figura 06) de 4 km estão dezenas de quadras esportivas ao ar livre e estações de equipamentos de ginástica frequentes para uso público. Um caminho conecta vários grandes playgrounds infantis, um parque de skate e vários grupos de equipamentos de ginástica para idosos e é visto em toda a paisagem praças de dança, uma atividade popular local. Uma série de pavilhões, mesas para jogos e gramados para piqueniques, barracas e programas aguardam para serem implantados e é através do parque que se gera uma era nova e exótica de saúde e diversão. (ARCHDAILY, 2021; AMAZING ARCHITECTURE, 2021)

Figura 6 – Pista de Cooper do Parque Docklands



Fonte: Archdaily

É através de 20km de ciclovia (Figura 07) de via verde que os parques lineares existentes na cidade são ligados. Através desse caminho ecológico, que se formam os ecossistemas novos e ocorre o surgimento de uma rede de parques urbanos.

A leste, um calçadão estreito foi criado permitindo a passagem de pessoas pela borda íngreme da montanha.

O parque das docas, também consta com uma circulação que visa a conectividade entre distrito e projeto, o que é percebido pela orla urbana, bem como as praças e corredores com uma vista cidade-rio, localizados no eixo da rua. (ARCHDAILY, 2021; AMAZING ARCHITECTURE, 2021)

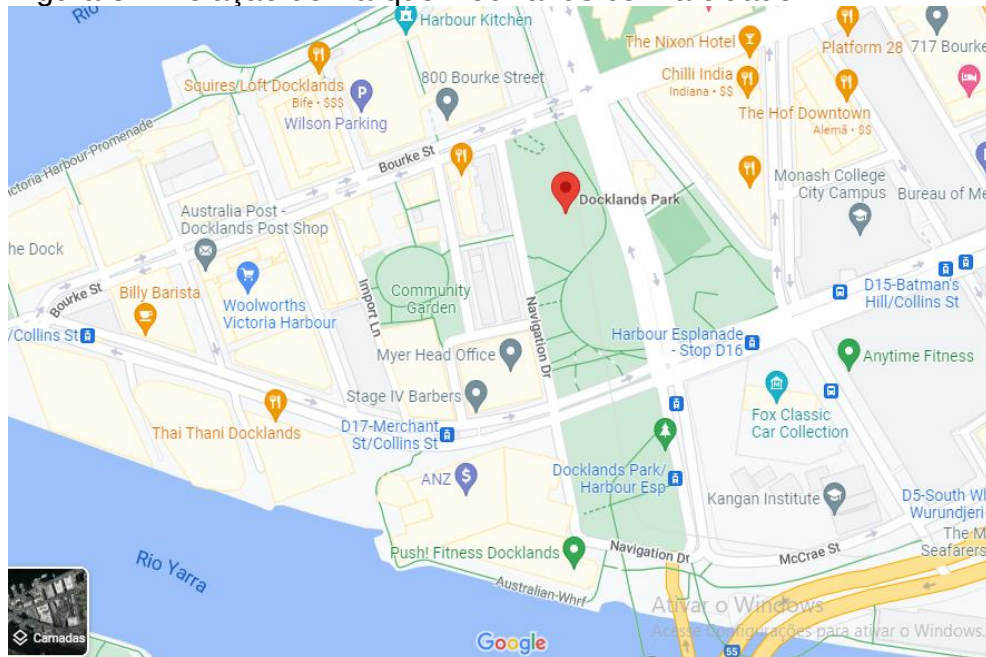
Figura 7 – Ciclovia do Parque Docklands



Fonte: Archdaily

O projeto, que se iniciou em 2012 e foi concluído em 2020, se garante na relação com a cidade (Figura 08), uma vez que está inserido com privilégio na cidade, próximo a um rio, onde há fácil acesso e trânsito de pessoas. Por contar com um amplo espaço, sua extensão consome várias quadras e permite uma série de fluxos e independente da localização do usuário. (ARCHDAILY, 2021; AMAZING ARCHITECTURE, 2021)

Figura 8 – Relação do Parque Docklands com a cidade



Fonte: Google Maps

Por se tratar de um espaço em uma região ribeirinha, pode ser notada a necessidade de um espaço como um parque no ambiente, de onde será obtido diversos benefícios para a sociedade além de reconstituir a paisagem abandonada e com alto potencial de utilização. (ARCHDAILY, 2021; AMAZING ARCHITECTURE, 2021)

A materialidade do projeto se sustenta em algumas premissas principais: A utilização do material já existente, inserido em meio ao paisagismo, onde encontramos o uso de concreto e aço, em meio a vegetação, como se pode ver nas docas da paisagem anterior, que foram mantidas, constituindo nessa mescla de materiais (Figura 09). (ARCHDAILY, 2021; AMAZING ARCHITECTURE, 2021)

Figura 9 – Docas do Parque Docklands



Fonte: Archdaily

Foi através desses itens, que o objetivo de transformação de um lugar precário e inutilizado, se concretizou, permitindo deste um local de convívio, de lazer e democracia em um ambiente recuperado ambientalmente.

3.2 CORREDOR VERDE DE CALI

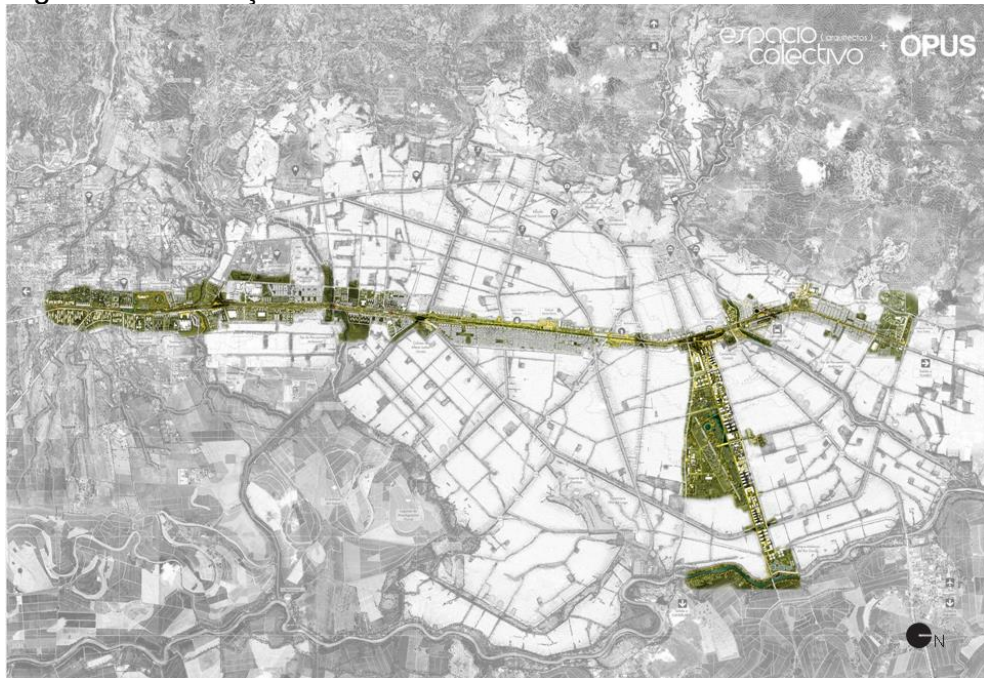
No ano de 2015, os escritórios colombianos Espacio Colectivo Arquitectos e Opus, propuseram transformar a antiga via férrea em um parque linear, para o concurso da SCA de anteprojetos para a segunda fase do corredor verde de Cali, na Colômbia. (ARCHDAILY, 2016; OPUS ESTUDIO, 2022)

Titulado como 'Entre os morros e o rio', o projeto que conta com 17km, de norte a sul, da cidade de Cali, está inserido na categoria de espaço público e recreação, com atividades lúdicas e culturais, e sua proposta era de renovar a cidade através de um projeto estratégico, que desencadeasse processos de transformação desde a periferia central, integrando social e espacialmente a cidade e recompondo uma rede ecológica urbana entre a serra e o rio através de uma ciclovía que funcionará como um sistema de mobilidade limpa. (ARCHDAILY, 2016; OPUS ESTUDIO, 0000)

Na busca de propor novas ideias para o ordenamento territorial da cidade, foi concebido um projeto que busca transcender a lógica linear atentando para as relações transversais e que por meio do corredor verde, garante um modelo de cidade articulada pelos sistemas urbanos e sistemas naturais, garantindo uma qualidade de vida e valores ambientais e paisagísticos melhores. (ARCHDAILY, 2016; OPUS ESTUDIO, 2022)

A forma como o parque se insere no contexto urbano (Figura 10), pode ser identificado na figura abaixo, e consta com uma relação abrangente no território, percorrendo sua extensão por quase sua totalidade.

Figura 10 – Relação da cidade com o corredor verde de Cali

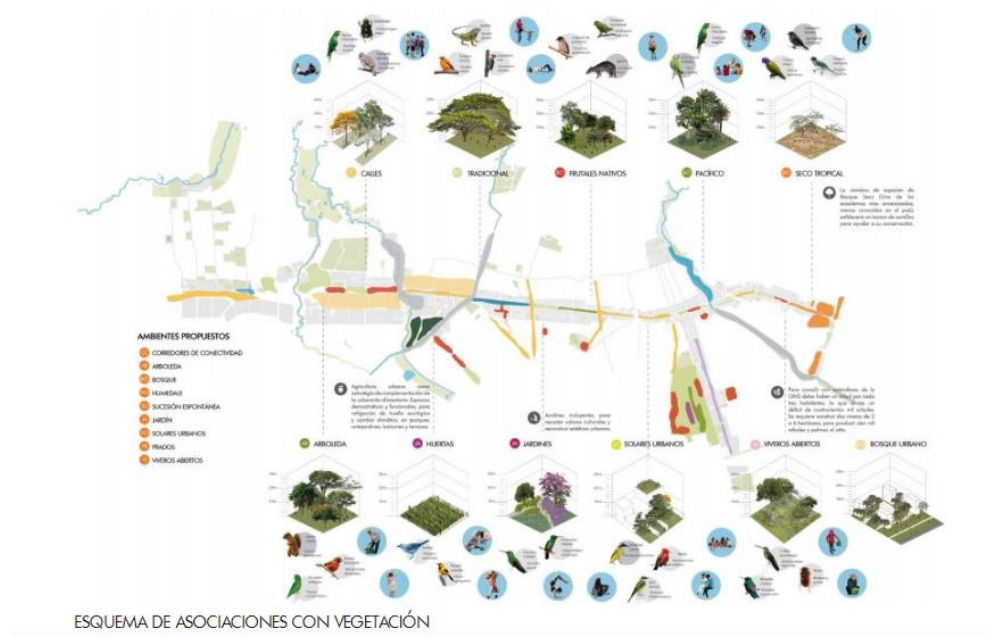


Fonte: Opus Estudio

O conceito do projeto, foi elaborado sobre 4 pilares, cada qual de modo que seu partido viesse para corroborar com o objetivo principal da obra.

PRIMEIRO PILAR: Recompôr uma rede ecológica urbana: Afim de melhorar as condições sociais, foi proposta uma recuperação ambiental (Figura 11), atribuindo o que não é visto nas áreas de desigualdade social: áreas verdes e arborização. Para isso, foi utilizado, uma gestão da água, articulando-a entre o espaço público e a rede ecológica; a cidade como suporte da biodiversidade, através de um corredor verde promovendo a conexão de uma rede ecológica; reencontro com a água, uma vez que na cidade de Cali ela está presente em inúmeras áreas, que devem introduzir melhor esse recurso no meio; e uso da vegetação nativa e tradicional, através, também de um corredor verde. (ARCHDAILY, 2016)

Figura 11 – Associação de vegetação do corredor verde de Cali



Fonte: ISSUU - ESPACIO COLECTIVO + OPUS

SEGUNDO PILAR: Integrar social e espacialmente a cidade: busca-se re-significar corredor férreo que tem sido um elemento de descontinuidade transversal. Para tal, se faz necessário, potencializar organizações de base comunitária; melhorar o habitat, através da re-densificação e integração de bairros; conservar, transformar e gerar fontes de emprego; investir em educação e cultura; resignificar edifícios históricos, transformando este espaço, em um local de diversidade e democracia (Figura 12). (ARCHDAILY, 2016)

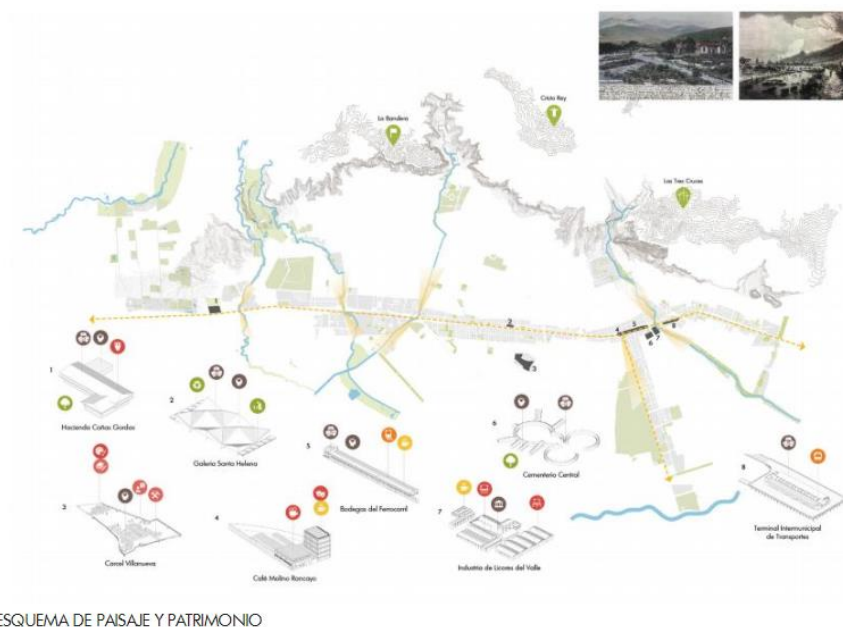
Figura 12 – Ambiente democrático



Fonte: Archdaily

Para tal, foi elaborado um esquema de estudo (Figura 13 e 14), constando as paisagem e patrimônios existentes, tendo em vista conecta-los e resguarda-los na aplicação do projeto. (ARCHDAILY, 2016)

Figura 13 – Estudo da paisagem e patrimônio



Fonte: ISSUU - ESPACIO COLECTIVO + OPUS

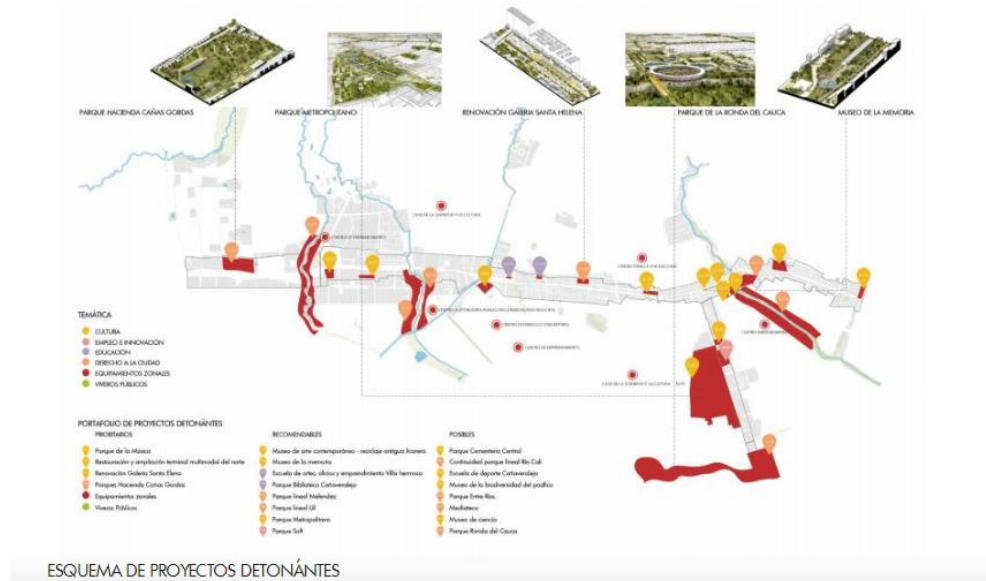
Figura 14 – Corredor verde inserido no contexto urbano



Fonte: Archdaily

TERCEIRO PILAR: Equilibrar a conectividade com um corredor verde de transporte público limpo: Para esse pilar, foi necessário pensar em harmonizar os fluxos, fortalecer o sistema de transporte público com o Trem-Tram e humanizar a infraestrutura do sistema viário para com a paisagem urbana. Através de uma análise urbana, foi aplicado um sistema de mobilidade sustentável, e capaz de interligar todos os pontos principais da cidade (Figura 15). (ARCHDAILY, 2016)

Figura 16 – Esquema de projetos chave



Fonte: ISSUU - ESPACIO COLECTIVO + OPUS

Consegue-se notar pela figura abaixo, como os arquitetos se utilizaram da paisagem urbana, do contexto histórico e da infraestrutura já existente, para aplicar o conceito do projeto sobre. Desenvolveram um sistema de fluxos e circulação, acessos, áreas de descanso, áreas de lazer sobre a estrutura já existente, de forma a humanizar e organizar o espaço. (ARCHDAILY, 2016)

Através do corte projetual (Figura 17), compreendemos a dinâmica do meio ambiente para com o meio urbano, bem como o sistema viário que se insere de forma agradável no cenário. (ARCHDAILY, 2016)

Figura 17 – Corte esquemático



Fonte: Opus Estudio

Desse modo, observa-se a nova dinâmica, que um parque, gera em uma cidade já consolidada, atribuindo a ela, mais valor social, ambiental e humanitário, utilizando-se de uma rede ecológica e um sistema de transporte junto a um corredor verde, que englobam o ambiente urbano (Figura 18). (ARCHDAILY, 2016)

Figura 18 – Corredor verde de Cali



Fonte: Opus Estudio

3.3 MADRID RIO

Até o ano de 2005, as margens do rio Manzanares (Madrid) eram as pistas da rodovia M-30, por onde passavam diariamente cerca de milhares de carros, e que deixavam esse elemento natural, como um mero detalhe, sem conexão com o ambiente. Com os malefícios trazidos pelo ruído dos automóveis, junto a falta de equipamentos públicos, o local se tornou um ambiente precário para se viver.

Diante deste contexto a prefeitura de Madri, contatou por meio de um concurso, o arquiteto Ginés Garrido, que ficou responsável a dar outro sentido a região, levando seu pensamento a ação: Os rios conectam as cidades com sua história, topografia e

geografia. Podem ser espaços democráticos e de inclusão social, dando a pessoas de diferentes classes, origens e culturas as mesmas possibilidades de acesso a sua orla. (ARCHDAILY, 2017; ARCHDAILY, 2012; DIVISARE, 2021)

As obras, que contaram com uma área construída de 80.000m², foram concluídas no ano de 2011, e contou com uma equipe de arquitetos e uma equipe de projetos que incluía, West 8, Burgos & Garrido, Porras La Casta, Rubio Alvarez Sala, sob coordenação de Garrido. (ARCHDAILY, 2017)

A ideia de deixar a cidade mais verde foi um fato problemático, visto que se trata de uma região seca e com poucas chuvas. Além disso, a população da cidade, não se mostrava a favor da obra a princípio. Esses fatores demonstram, como o projeto foi bem elaborado, uma vez que supriu todas as problemáticas de forma certa, além de garantir a função democrática de parque estabelecida por Garrido: “Nosso objetivo foi, desde o primeiro dia, que os cidadãos pensassem naquele espaço como feito para eles, como um lugar em que era permitido se apropriar.” (ARCHDAILY, 2017)

Foi necessário entender o percurso do rio em sua totalidade e como isso poderia vir conectar as pessoas. O programa de necessidade conta com 17 áreas de recreação infantil, pistas de skate, quadras esportivas, pistas para corrida e escalada, espaços para parada e convívio social, praia urbana no verão, várias praças, bulevares e parques e um conjunto de pontes que melhoraram conexões entre os distritos urbanos ao longo do rio. Além da oferta de transporte público, foram ainda criadas grandes avenidas verdes, já que agora o sistema viário conta com um túnel. (ARCHDAILY, 2017)

O design é baseado na ideia de “3+30” – um conceito que propõe dividir os 80 hectares do desenvolvimento urbano em uma trilogia de projetos estratégicos iniciais que estabeleçam uma estrutura básica para então servir como fundação sólida para um número de projetos posteriores. (ARCHDAILY, 2012)

Foram ainda desenvolvidos 47 subprojetos, em que se destacam:

Salón de Pinos (Figura 19): Realizado em 2010, foi responsável por interligar o espaço verde aos espaços urbanos (sejam esses já existentes ou novos), o Salón de Pinos, encontra-se no topo do túnel, e recebe esse nome por fazer referência à flora com pinheiros plantados nas rochas das montanhas, nos arredores de Madri. A

variedade de plantas e matérias escolhidos detalhadamente, geram um cenário natural e escultural. (ARCHDAILY, 2012)

Figura 19 – Salón de Pinos



Fonte: Archdaily

Avenida de Portugal (Figura 20): A avenida, localizada no centro de Madri, é considerada de extrema importância e se insere em um contexto impressionante pela beleza e importância, já que faz encontro com o centro histórico. O local que antes contava com uma avenida, a partir de maio de 2007, passou a ser um espaço rodeado por jardim, que faz referência ao caminho entre Portugal e Lisboa, através de um famoso vale de flores de cerejeira de um lado, e do outro lado extremamente enterrado e inóspito como o clima da Estremadura. O contexto do jardim cria uma conexão entre o espaço e o entorno. (ARCHDAILY, 2012)

Figura 20 – Avenida de Portugal



Fonte: Archdaily

Huerta de la Partida (Figura 21): Teve sua primeira fase de realização em 2007, e a segunda fase em 2009. Em busca de conectar o Royal Palace com os terrenos de caça e o jardim de fruta e vegetal, foi construído o City Place, onde a Huerta ganhava características modernas de um pomar, com uma grande quantidade de árvores frutíferas, e com suas espécies variadas, dispostas no espaço através de fileiras alternadas. Com o passar dos anos e suas mudanças, o pomar deu lugar a um centro esportivo. (ARCHDAILY, 2012)

Figura 21 – Huerta de la Partida



Fonte: Archdaily

Parque da Arganzuela (Figura 22): Visto que a água é o elemento primordial do projeto, se utilizam deste para levar ao ambiente algo sensível e explorável, como pode ser visto pelas fontes do Parque da Arganzuela, realizado em 2011. Isto é percebido através dos riachos que atravessa o parque e suas topografias, cada qual com suas características próprias, e junto a eles a variedade botânica, torna a ideia

de diferentes espaços com diferentes atmosferas ainda mais real. (ARCHDAILY, 2012)

Figura 22 – Parque da Arganzuela



Fonte: Archdaily

Pontes Cascara (Figura 23): Através de uma cúpula maciça de concreto com textura áspera, uma ponte é projetada sob o rio, juntamente a um deck de metal. O ambiente, que foi concretizado em 2010, se torna uma experiencia, por intermédio do fino detalhamento no teto de mosaicos do artista Daniel Canogar, além da iluminação cenográfica feita pela luz que entra pelo teto. (ARCHDAILY, 2012)

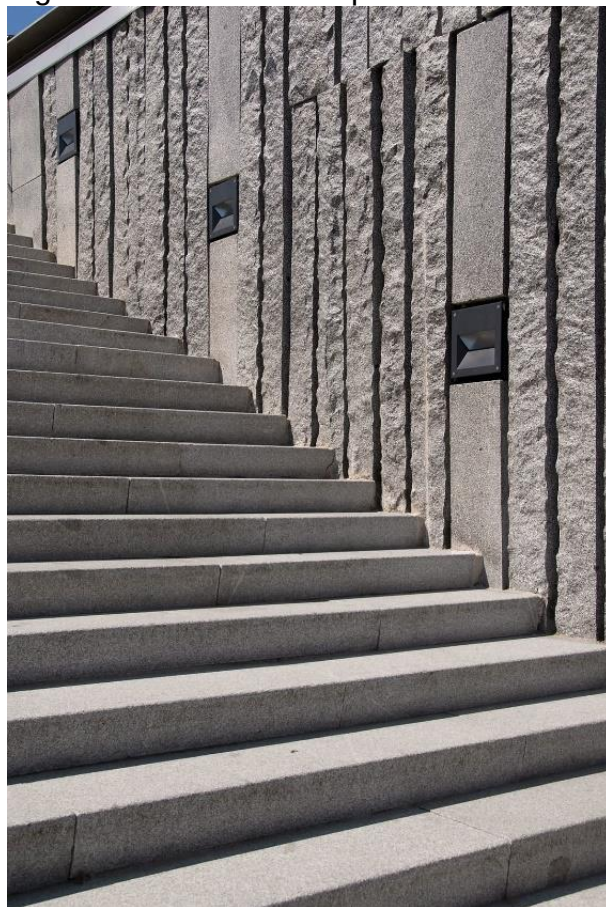
Figura 23 – Pontes Cascara



Fonte: Archdaily

Embora se trate de um projeto paisagístico em sua totalidade, as edificações foram pensadas em sua materialidade com pedra e concreto (Figura 24 e 25).

Figura 24 – Paredes de pedra e escada de concreto



Fonte: Divisare

Figura 25 – Materialidade do projeto



Fonte: Divisare

O projeto que venceu o concurso internacional de design, tinha como conceito realizar uma intervenção geográfica, extrapolando a área deixada vazia pelo soterramento da autoestrada, e levando a cidade de Madrid a voltar pertencer a geografia do Rio, como pode ser visto na Figura 26, sua inserção no contexto urbano. Sua realização trouxe a área extensa e importante da cidade, um aspecto mais humano e ambiental, contudo desenvolvendo as condições social. (ARCHDAILY, 2012)

Figura 26 – Contexto urbano e projeto



Fonte: Divisare

A análise dessa obra, que cerca linearmente a cidade, permite o entendimento do enriquecimento projetual e a importância de ambiente como esse nas cidades, que passam a interferir não somente no sistema viário, mas também em uma escala regional, garantindo a população uma condição de vida e uma condição ambiental elevadas (Figura 27).

Figura 27 – Madrid Rio no contexto urbano



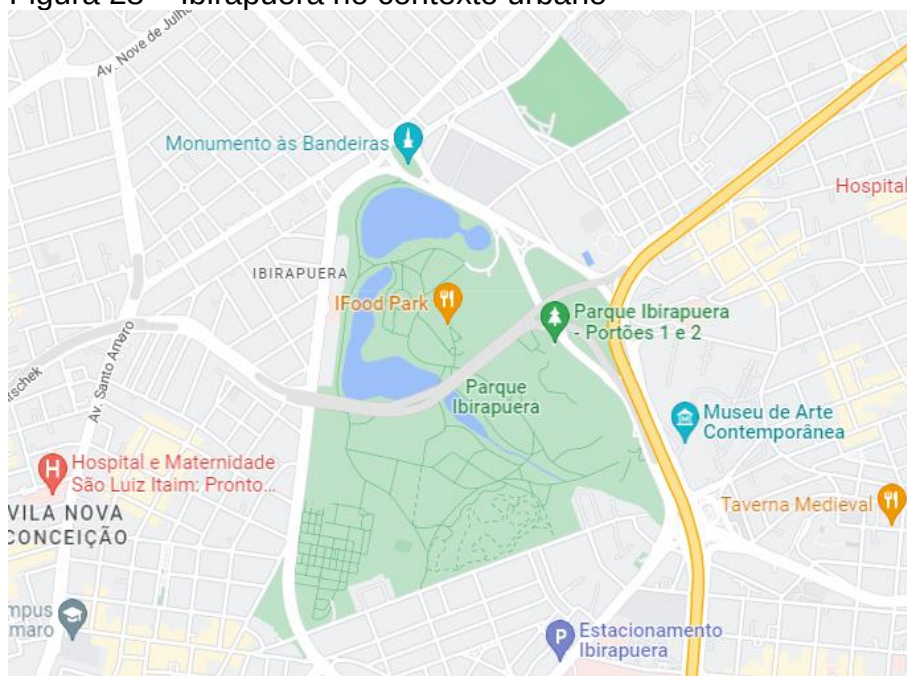
Fonte: Divisare

3.4 VISITA TÉCNICA NO PARQUE IBIRAPUERA – SÃO PAULO

A fim de marcar as comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo em 1954, foi encomendado em 1951 pelo Governador Lucas Nogueira Garcez, o idealizado Parque Ibirapuera, que através de um conjunto de edifícios de caráter cultural e artístico em harmonia ao paisagismo, foi materializado pelo arquiteto Oscar Niemeyer em associação com os arquitetos Hélio Uchôa, Zenon Lutofo e Eduardo Kneese de Mello (1906-1994). (ARCHIDAILY, 2018; ITAU CULTURAL, 2017)

Com a área superior a 1,5 milhões de metros quadrados e acomodado entre um importante perímetro urbano da cidade de São Paulo (Figura 28), a necessidade do projeto surge como uma forma de recuperação de imensos e vagos terrenos de mangue e o Parque, tem um caráter único e essencial, uma vez que a carga histórica, política, artística, esportiva e ambiental do conjunto, agrega exponencialmente para o município altamente urbanizado. Devido a extensão do local, são diversas as entradas ao parque que ocupa um espaço favorável na malha urbana. (ARCHIDAILY, 2018; ITAU CULTURAL, 2017)

Figura 28 – Ibirapuera no contexto urbano

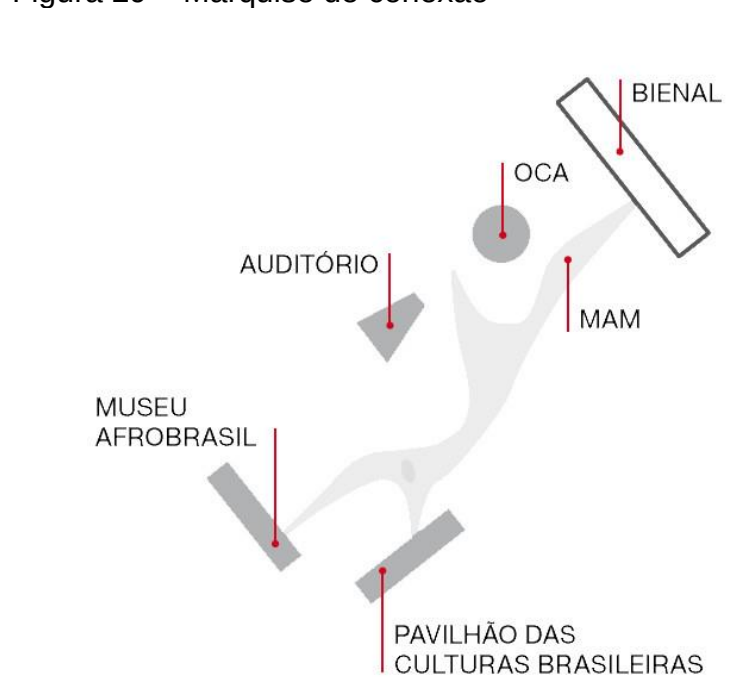


Fonte: Google Maps

São Paulo pôde usufruir de um espaço raro pelo que se vê no ambiente urbano: uma flora e fauna em um espaço de contato com a natureza, e que ainda contam com edifícios de caráter cultural.

Edifícios esses, que foram implantados e interligados por uma marquise de forma orgânica e áreas pisoteáveis (Figura 29), gerando no local, um ponto de conexão e de proteção. Com cerca de 27 mil metros quadrados, a sinuosa extensão, tem aspectos claros, marcados pelos pilotis circulares, cores cinzas, materialidade de concreto armado e vidro, gerando ao espaço uma sensação de leveza com curvas caprichosas. Niemeyer ele sintetiza os três componentes de seu estilo arquitetônico antes de sua fase de amadurecimento, a partir de 1955: pesquisas estruturais dinâmicas, exploração de formas livres e o jogo de volumes puros, muitas vezes em contraste, mas equilibrando-se mutuamente. (ARCHIDAILY, 2018; ITAU CULTURAL, 2017)

Figura 29 – Marquise de conexão



Fonte: Archdaily

Além do arranjo de edifícios conectados pela marquise, encontram-se outras edificações de extrema importância:

O Palácio das Exposições/Artes, mais conhecido com OCA, tem seu edifício circular e foi projetado em sua concepção como um fina casca em concreto armado sobre sistema de nervuras em arcos diametrais e em seu interior são dispostas sinuosas rampas de acesso em forma de ferradura aos quatro pavimentos independentes a casca externa, que através das trinta e três janelas, iluminam a área. (ARCHIDAILY, 2018; ITAU CULTURAL, 2017). Com sua forma branca realizada com concreto, o Palácio dos Estados dispõe em seu interior de pilares, trazendo um aspecto fluido na edificação, e em seu exterior pilares em formato V, servindo como mão francesa, como sustentação da massa de concreto remetem conscientemente a um ramo nascendo do tronco. A comunicação entre os andares é realizada por rampas, permitindo o acesso do usuário ao Pavilhão das Culturas Brasileiras, através de um percurso fácil e surpreendente. (ARCHIDAILY, 2018; ITAU CULTURAL, 2017)

Já o Palácio das Nações (Figura 30), é o edifício que abriga a sede do Museu Afro Brasil é concebido através de uma caixilharia recuada, o extenso volume branco superior, apoiado por pilares desenvolvidos em 45°, que acabam gerando um ambiente externo para o andar público. (ARCHIDAILY, 2018; ITAU CULTURAL, 2017)

Figura 30 – Palácio das Nações



Fonte: Acervo da autora

É através dos elementos da fachada com brises soleil e caixilharia de vidro e concreto, projetados detalhadamente, que se traz fluidez ao edifício, mais conhecido como Palácio das Indústrias (Figura 31). O balanço visto na obra, bem como o desenho serpenteado e sistema “caixão-perdido” em sintonia às rampas sinuosas, formam um jogo de contraste com a sobriedade e simplicidade do exterior e atribuem ao interior do um caráter imaginativo, ao mesmo tempo em que dão movimento à massa estática geométrica de concreto e vidro e não permitem que o volume tire a leveza, mesmo esse sendo consideravelmente maior que os outros edifícios presentes.

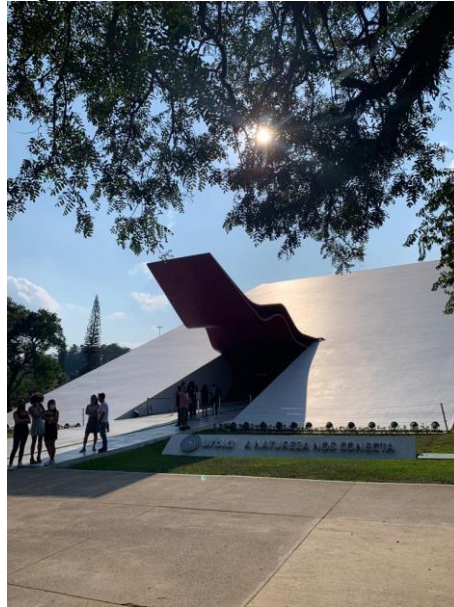
Figura 31 – Palácio das Indústrias



Fonte: Acervo da autora

O Auditório Oscar Niemeyer (Figura 32), é um dos mais icônicos edifícios do Parque, o auditório, tem uma forma trapezoidal e um elemento orgânico escultural da artista Tomie Ohtake. (ARCHIDAILY, 2018)

Figura 32 – Entrada do Auditório Oscar Niemeyer



Fonte: Acervo da autora

Do outro lado da edificação, a parede com uma extensa porta (Figura 33) também se faz uma tela e palco, abrigando os espectadores no gramado externo. (ARCHIDAILY, 2018)

Figura 33 – Fundos do Auditório Oscar Niemeyer



Fonte: Acervo da autora

Projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, o Museu da Arte Moderna, foi instalado sobre uma marquise e sua principal função deveria ser como a dos demais

edifícios, contando com áreas a receber obras e instalações temporárias. (ARCHIDAILY, 2018)

O Palácio da Agricultura, hoje, utilizado como acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, não se encontra dentro do perímetro do parque, mas ainda assim é considerado parte, uma vez que é interligado através de uma passarela. Sua forma, assim como os outros projetos de Niemayer, trazem os apoios simétricos em “V”, planta livre e térreo liberado, e seguindo o desenho dos outros pavilhões de Niemeyer, ele é o mais alto dos edifício, contando com sete andares. (ARCHIDAILY, 2018; ITAU CULTURAL, 2017)

Há também o Planetário (Figura 34), do qual seu projeto é de autoria dos arquitetos Eduardo Corona, Roberto Tibau e Antônio Carlos Pitomboe sua construção conta com duas cúpulas sobrepostas e autônomas, a interna em concreto armado e a externa disposta em arcos de madeira e revestimento de alumínio proporcionando espaço necessário para funções de suporte do planetário. (ARCHIDAILY, 2018; ARTE FORA DO MUSEU, 2020)

Figura 34 – Planetário



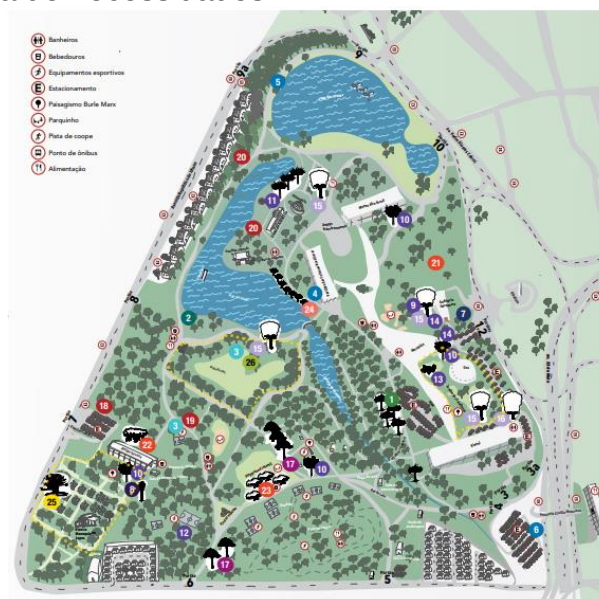
Fonte: Acervo da autora

Niemeyer, explica um pouco das suas ideias:

Para a entrada do Parque Ibirapuera foi sempre prevista uma praça, tendo em cada lado um edifício, a cúpula destinada a exposições e o Auditório. Uma praça importante, com o piso coberto de placas de concreto. A cúpula foi o primeiro prédio a ser construída, uma forma pura toda pintado de branco. E foi para preservar a unidade arquitetônica da praça que procurei fazer o Auditório com uma forma igualmente simples: um triângulo pousado na praça. A marquise que servia de entrada ao Ibirapuera ficou como que cortando a praça em duas. E, como é imprescindível eliminar tal desacerto, pedi que uma parte dela fosse suprimida, dando-lhe uma força arquitetônica mais bonita, como mostram os desenhos e fotos anexos. Contrariar o que proponho, mantendo a praça dividida em duas, é desmerecer o Parque Ibirapuera, tão importante para São Paulo”. (ARCHDAILY, 2018)

Além das edificações deslumbrantes que geram no usuário curiosidade e encantamento, o Parque dispõe de caminhos igualmente fantásticos, com um programa de necessidades completo (Figura 35), contando com áreas para piquenique, caminhos sinuosos em meio a vegetação, academia ao ar livre (Figura 36), quadras das mais variadas modalidades de esporte (Figura 37), playground para crianças (Figura 38), ciclofaixas e pista de corridas (Figura 38), locais para aluguel para bicicletas, banheiros, bebedouros, espaços de curiosidades, equipamentos esportivos, estacionamento, pista de cooper, ponto de ônibus, restaurante/café/lanchonete além de estatuas/monumentos/esculturas.

Figura 35 – Programa de necessidades



Fonte: Parque Ibirapuera

Figura 36 – Academia ao ar livre



Fonte: Acervo da autora

Figura 37 – Quadra de futsal e basquete



Fonte: Acervo da autora

Figura 38 – Playground e ciclofaixas



Fonte: Acervo da autora

Não poderia ser diferente, portanto, o local, conta com diversos tipos de mobiliários urbanos (Figura 39) espalhados afim de gerar organização e bem estar do público.

Figura 39 – Lixeiras separadas por material e bebedouro



Fonte: Acervo da autora

Por se tratar de um espaço tão grande e com um valor importante agregado para o município, é visto acionamento de marcas em toda parte, onde essas dispõem de

inúmeras atividades aos usuários, gerando reconhecimento e tráfego de qualidade na exposição da marca, como é visto na Figura 40, a marca Ifood dispondo de uma praça de alimentação pública.

Figura 40 – Praça de alimentação IFood



Fonte: Acervo da autora

Empresas ainda como Gatorade, são vistas em diversos pontos ao longo da extensão do parque, seja no formato de venda do produto (Figura 41), ou através de um evento, como esportivos para gerar acolhimento do usuário (Figura 41).

Figura 41 – Ponto de venda e ponto esportivo Gatorade



Fonte: Acervo da autora

Por último, vale analisar e sobressaltar a variedade ambiental presente (Figura 42), com elementos da natureza que atraem o público acostumado com o ambiente urbano que busca no local um lugar de refúgio e paz. São vistos em toda a extensão jardins, praças e árvores icônicas (Figura 43), com sua fauna e flora é rica e variada desde mangue a viveiro, de espécies nativas a exóticas, tem flores e frutos, patos, marrecos e cisnes. O projeto paisagístico do Ibirapuera é de Octavio Teixeira Mendes e ressaltou os edifícios de Niemeyer na paisagem, além disso Burle Marx, o grande paisagista brasileiro, assina alguns jardins do Ibirapuera, que contam com mais de 26 espécies de árvores, e 20 espécies de pássaros. (ARCHIDAILY, 2018; PARQUE IBIRAPUERA)

Figura 42 – Planta vegetação Ibirapuera



Fonte: Parque Ibirapuera

Figura 43 – Arborização 1 Ibirapuera



Fonte: Acervo da autora

É dessa forma, que ainda se encontra as lagoas presentes (Figura 44 e 45), que causam ainda mais a proximidade com a natureza e com o belo, aguçando as sensações de liberdade e calma.

Figura 44 – Lago 1 Ibirapuera



Fonte: Acervo da autora

Figura 45 – Lago 2 Ibirapuera



Fonte: Acervo da autora

É na beira das lagoas, que o público se acomoda, como visto na Figura 46, com passarelas atrativas e margens vegetativas, acolhendo o público ao natural.

Figura 46 – Contato da natureza e ser humano



Fonte: Acervo da autora

Um parque com um conteúdo tão intenso e denso, se torna um marco e um ponto turístico e social e de extrema importância no contexto, permitindo a sociedade a expressão de si mesmo, permitindo o desenvolvimento de uma cultura e abrindo portas a uma gama diversificada de atividades. Em uma cidade como São Paulo, o Parque permite a desconexão com o externo e a conexão interior e é por isso que a sociedade o faz tão importante. Sua biodiversidade abrangente, o desenvolvimento dos seus caminhos, a abundância das edificações culturais, cativam o público e mostram a necessidade de um ambiente democrático

4 ANÁLISE DA ÁREA

A cidade que hoje ganhou o nome de Igaraçu do Tietê, antes chamara Vila São Joaquim, e foi fundada em 1962 através da construção de uma capela, em homenagem ao padroeiro de mesmo nome. (SITE ESTÂNCIA TIRÍSTICA DE IGARAÇU DO TIETÊ, 2021)

Antes mesmo disso, o principio se deu no dia 19 de outubro de 1903, através da doação de terras realizada pelo Coronel Joaquim ribeiro, e fazia parte do Município e da Comarca de São Manuel até 1938, e em 30 de novembro do mesmo ano, passou a ser 2ª Zona Industrial de Barra Bonita, conforme o Decreto Lei nº 9975. Foi em 30 de dezembro de 1943, com a Lei nº 24364, que este título seria alterado para 2º Subdistrito do Município de Barra Bonita. Ganhou emancipação político-administrativa, em 30 de dezembro de 1953, votada pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. (SITE ESTÂNCIA TIRÍSTICA DE IGARAÇU DO TIETÊ, 2021)

Desde 1994, até os dias de hoje, a cidade se tornou Estância Turística e seus potenciais turísticos são explorados através do Rio Tietê que margeia o município, que atrai centenas de pessoas para explorar os incríveis recurso naturais da região. As principais atividades econômicas da cidade são a pecuária e pequenas policulturas, indústria de açúcar, álcool, cerâmica, calçados, confecções, artesanatos diversos e comércio, mão de obra base da região canavieira, turismo e por último, com grande importância, a agricultura da cana de açúcar, que gerou impulso na economia local e promoveu rápido desenvolvimento do município. (SITE ESTÂNCIA TIRÍSTICA DE IGARAÇU DO TIETÊ, 2021)

Sua Área territorial é de 97,747 km² representando 0.0386 % do Estado de São Paulo, 0,0105% da Região e 0.0011% de todo o território Brasileiro, e sua população total estimada é de 24.821 pessoas. (IBGE, 2022)

O município que consta com uma topografia ondulada, com terras latossolo roxo e argilosa arenosa, se situa a uma altitude RN 22, na cota 498,822.

Um recurso de suma importância para a cidade é sua Hidrografia, que é marcada pela presença do Rio Tietê na sua margem esquerda, com uma largura próxima a 145,00m, e navegável em trono de 20km de extensão dentro do município. O comparência deste, junto a temperatura favorável da cidade que oscila entre 29° à 32°, permite a prática de esporte náuticos, pesca, navegação e visita a Eclusa, localizada a montante

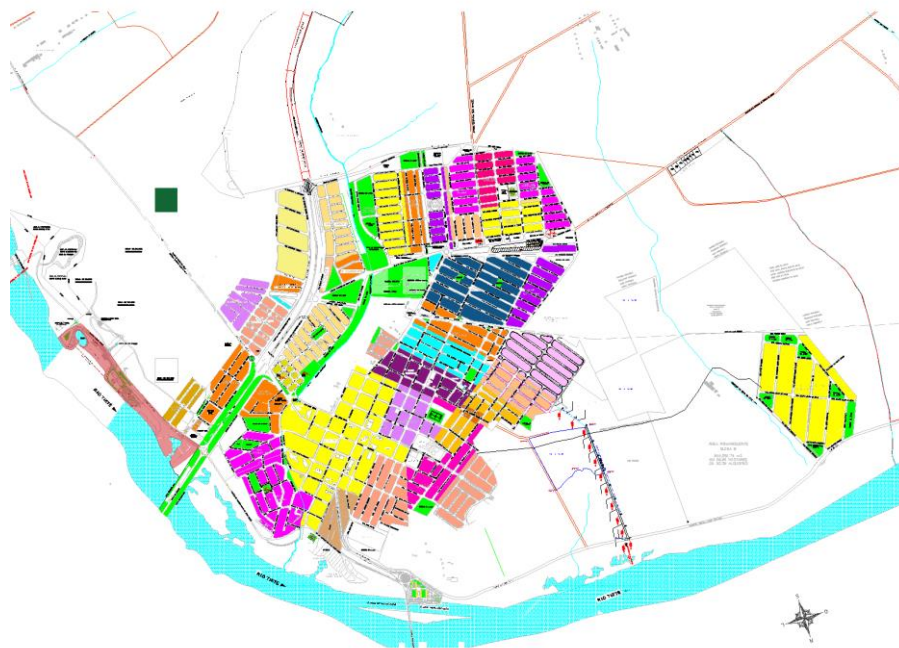
da Praia Maria do Carmo, Igaraçu é atravessado pelo córrego Monjolinho, que se encontra despoluído e canalizado parcialmente em alguns trechos.

4.2 ZONEAMENTO

A área para a locação do Parque será implantado, segundo o mapa disponibilizado pela Prefeitura de Igaraçu do Tietê e se estabelece ao endereço Av. Roberto Costa de Abreu Sodré, Igaraçu do Tietê - SP, 17350-000, Brasil.(GOOGLE MAPS,2022)

A cidade, diferentemente de algumas da região, não possui uma divisão por zoneamento, mas por meio de seu mapa é possível identificar a divisão realizada por bairros (Figura 47).

Figura 47 – Mapa de zoneamento de Igarauçu do Tietê



LOTEAMENTO:

- | | |
|---------------------------------------|--|
| ● Jardim Novo Igarauçu | ● Cohab III (Conj. Res. Camilo Sahade) |
| ● Vila Nossa Senhora Aparecida | ● Jardim dos Antúrios |
| ● Vila Boa Vista | ● Cdh - Com. Orlando Chesini Ometto |
| ● Vila Leozina | ● Jardim Ouro Verde |
| ● Vila Santa Izabel | ● Distrito Industrial Co. João Rayes |
| ● Cecap | ● conj. Hab. Alfredo Fernandes |
| ● Vila Manoel Rayes | ● Residencial Park Boa Vista |
| ● Jardim Paulista | ● Residencial Nossa Gente |
| ● Conjunto Residencial Segura Garcia | ● Distrito Industrial Ver. Paschoal Ruiz |
| ● Jardim das Acácias | ● Residencial Rio lindo |
| ● Vila Maria Inez | ● Residencial e Com. São José |
| ● Jardim Altos do Igarauçu | ● Residencial e Com. São José II |
| ● Jardim da Colina | ● Jardim Portal da Colina-A/B/C |
| ● Jardim Novo Estilo | ● Jardim Germano Roncari |
| ● Cohab I (Conj. Res. Camilo Sahade) | ● Vista Alegre |
| ● Cohab II (Conj. Res. Camilo Sahade) | ● Jardim Maria Carolina |
| ● Distrito Comercial | ● Jardim Maria Carolina II |
| ● Jardim Conquista | |

LEGENDA:

- | | |
|--|---------------------|
| | PERÍMETRO URBANO |
| | LIMITE DAS ZONAS |
| | RIO OU CÔRREGO |
| | QUADRAS |
| | ÁREA VERDE |
| | PONTES |
| | ÁREA DE INTERVENÇÃO |

Fonte: Elaborado pela autora

4.3 LOCALIZAÇÃO NA CIDADE

Em relação a localização da área de intervenção com a cidade ((Figura 48 e 49), existem três principais acessos terrestres que conectam Igarauçu do Tietê à região: Pela rodovia SP 255, pela rodovia Vacinal Lauro Perazoli ou então pelo acesso entre a Ponte Campo Salles (Rua Barra Bonita) realizado entre a cidade de Igarauçu do Tietê

e Barra Bonita. A primeira dessas, é inclusive um acesso próximo a área de intervenção do projeto, desta forma gera acesso a eclusa de navegação, ao Panorama Park Hotel e a Praia Maria do Carmo de Abreu Sodré, área a ser desenvolvida no projeto.

São as principais avenidas do projeto: A Avenida Professora Zita de Marchi, responsável por conectar os dois meios de chegar a cidade (pela rodovia Vacinal Lauro Perazoli e Ponte Campo Salles-Rua Barra Bonita) a área urbana. Essa, se transforma em Rua Nossa Senhora de Fátima, e além de ter caráter comercial, possui pontos de enorme importância para a cidade, como a Prefeitura Municipal de Igaraçu do Tietê, Auditório Municipal Jandyra Ruiz Segura e o conjunto Esportivo José Antônio Varasquim.

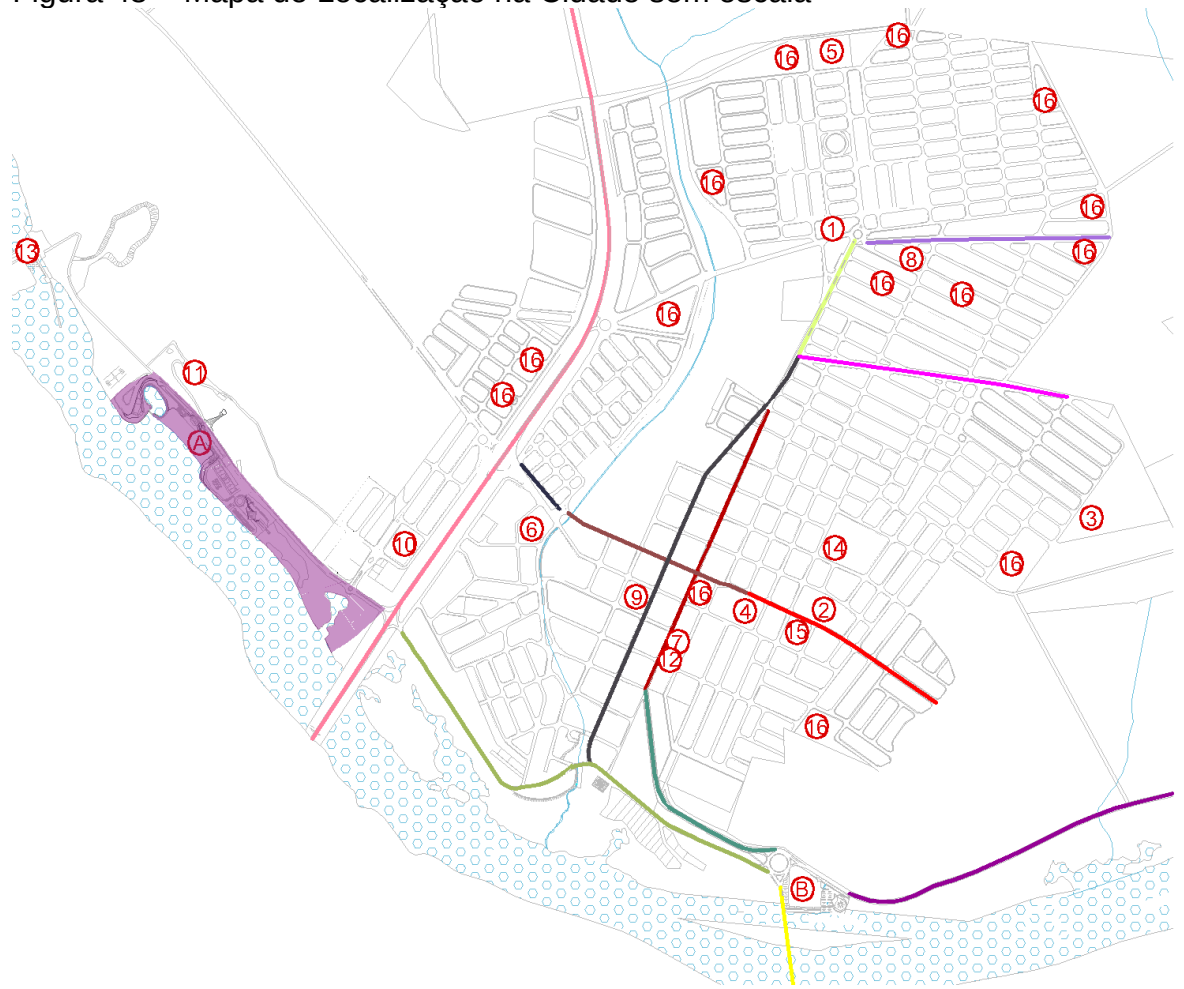
A Rua Pereira de Rezende, logo abaixo da Rua Nossa Senhora de Fátima, é a principal rua do comércio e é próximo a ela que se encontra o Supermercado Fernandes. Além deste, outro Supermercado de grande importância na cidade é o supermercado Ravagio, acessível pelas Avenidas Valdemir de Paula Costa e Octorino Maestro, região onde encontramos algumas praças e também a única Unidade de Pronto Atendimento.

As principais cidades da cidade, que abordam uma grande quantidade de estudantes, são o Sesi 272 e a Escola Estadual José Conti na Avenida José Michel Mucare, que se localiza próximo ao estádio Municipal Orlando Chesini Ometto. Outro equipamento de grande influência são os cemitérios, e encontramos dois deles na cidade, o Cemitério Municipal e o Cemitério Municipal-São João Batista, também encontrado na Avenida José Michel Mucare. Essa avenida citada anteriormente se torna a Rua Julio Vieira e logo depois a Rua Castelo Branco.

Por ser uma cidade turística a cidade conta com alguns hotéis para quem deseja se hospedar, como o Igaraçu Palace Hotel e o Panorama Park Hotel, já citado anteriormente. Para isso, também conta com um Terminal Rodoviário bem localizado.

Algo que vemos com pouca frequência são de fato, os parques, fazendo com que o projeto seja ainda mais necessário para a Estância Turística de Igaraçu, que hoje conta apenas com o Igaraçu Park, para servir a população e turistas.

Figura 48 – Mapa de Localização na Cidade sem escala



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 49 – Legenda mapa de Localização na Cidade sem escala



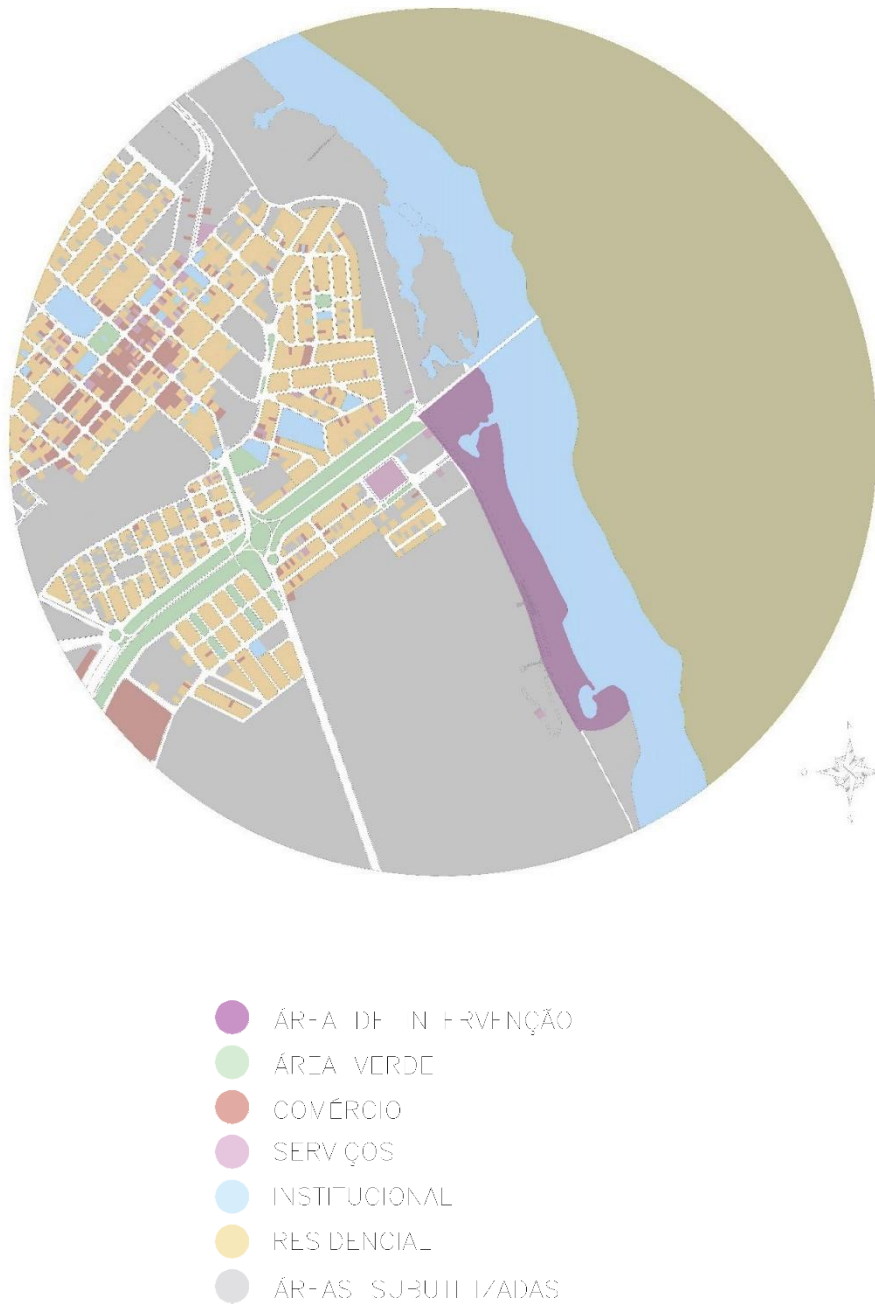
Fonte: Elaborado pela autora

4.4 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

Em relação ao uso e ocupação do solo (Figura 50), a área de análise é predominantemente residencial, entretanto ainda existem muitas áreas subutilizadas, caracterizadas por vazios urbanos e terrenos sem utilização. Isso ocorre, pois ainda não é visto um desenvolvimento pleno da cidade, acarretando em uma concentração de usos apenas na região central. Apesar disso, outros usos também são vistos, como lotes e áreas onde esse uso é predominante, demarcado por lojas de vestuários, farmácias, lojas de papelaria, supermercados, entre outros.

Áreas institucionais com escolas, igrejas, e prédios de uso da prefeitura também são vistas, bem como, área de serviços, como hotéis, centros médicos e salões de beleza.

Figura 50 – Uso e Ocupação do Solo



Fonte: Elaborado pela autora

4.5 FLUXO E SENTIDO DAS VIAS

O sistema viário próximo a área de intervenção é característico de uma zona predominantemente residencial, onde o fluxo de veículos é majoritariamente leve e composto em sua maioria por vias locais. A via da área de intervenção, também representa as particularidades locais, alterando levemente seu fluxo aos finais de

semana, com um aumento reduzido de automóveis. Próximo à área, ainda é visto a Rodovia SP 255, A Avenida de acesso a cidade vizinha Barra Bonita e a área comercial da cidade nas ruas Rua Pereira de Rezende, da Rua Nossa Senhora de Fátima, Rua Júlio Vieira e Rua Joaquim Medeiros, que ocasionam uma série de vias que coletam esse trânsito e distribuem para outras regiões (Figura 51 e 52).

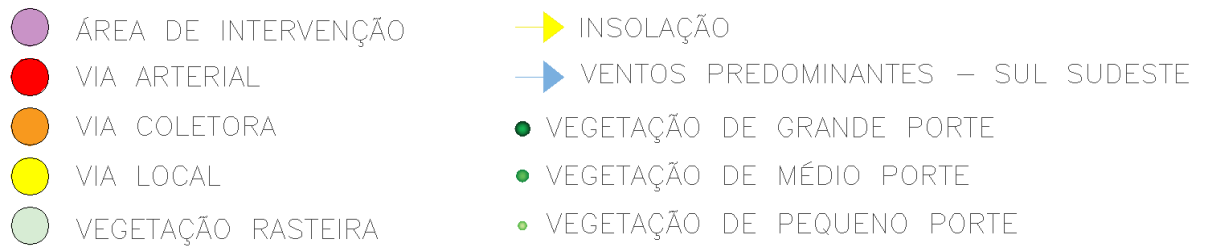
E relação a arborização da cidade, elas se distribuem nas quadras de forma homogênea, com árvores de pequeno porte e médio porte. Outras áreas são vistas com uma grande quantidade de árvores, possuindo além dois dois tipos citados anteriormente, árvores de grande porte, principalmente nas margens do rio, nas áreas subutilizadas e nas áreas de vegetação rasteira (Figura 51 e 52).

Figura 51 – Fluxo e Sentido das Vias e Vegetação



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 52 – Legenda mapa de fluxo e Sentido das Vias e Vegetação



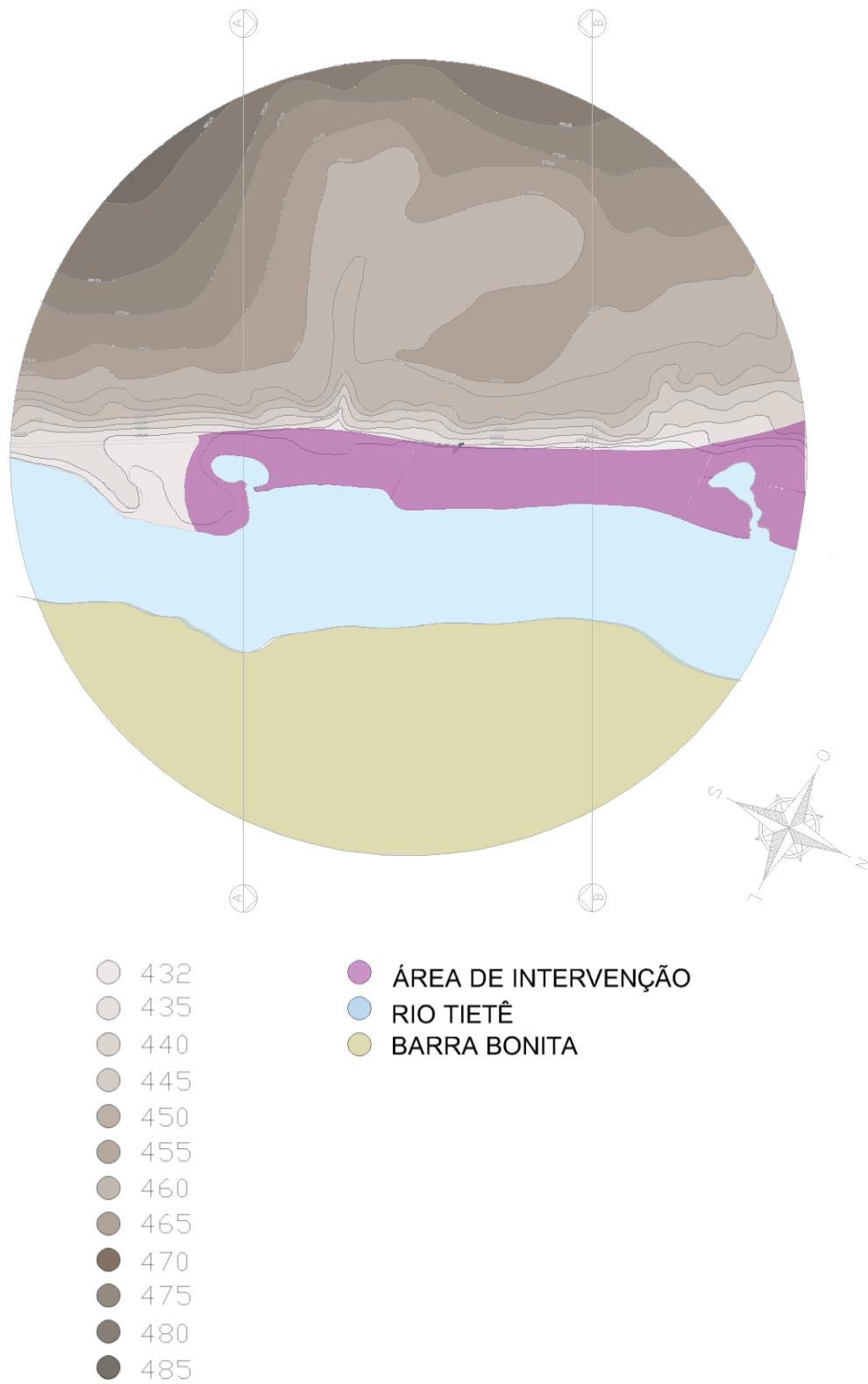
Fonte: Elaborado pela autora

4.6 TERRENO

O terreno onde será realizada a proposta projetual, encontra-se na margem do Rio Tietê da cidade de Igaraçu do Tietê e hoje é ocupado por um espaço de uso público, conhecido como Prainha. Ao se fazer uma análise da área (Figura 53 e 54) é visto um desnível de cinco metros, com uma inclinação de 3,5% em média. Apesar de curto em seu comprimento, é amplo em sua dimensão, se caracterizando por sua linearidade junto ao curso do rio.

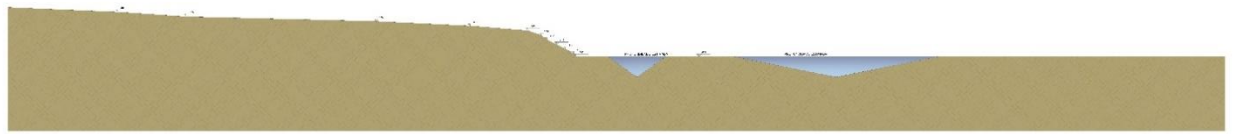
Há uma rua que passa pelo local da intervenção, e essa em determinado momento ela se torna sem saída

Figura 53 – Mapa topográfico



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 54 – Cortes topográfico



CORTE A-A



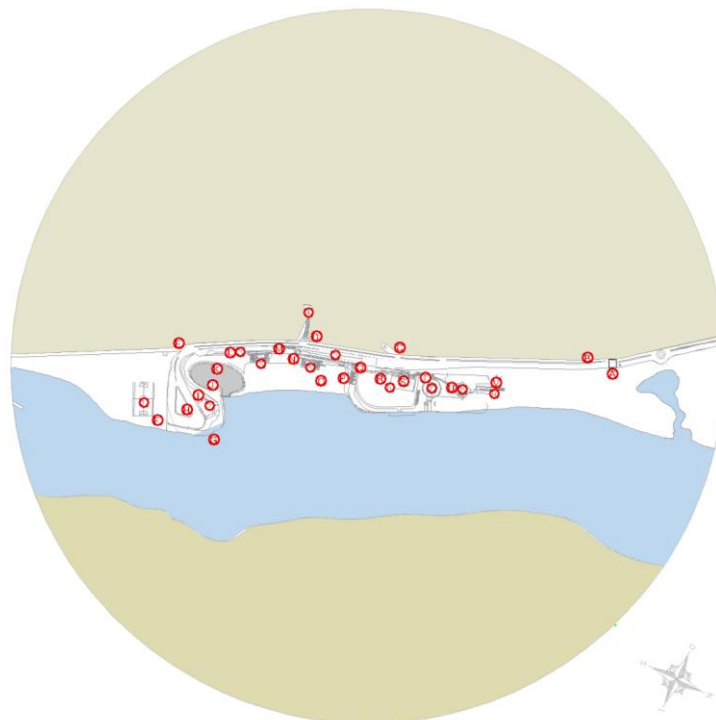
CORTE B-B

Fonte: Elaborado pela autora

4.7 UTILIZAÇÃO ATUAL

O contexto atual, já tem como uso uma área de lazer da sociedade, contando com alguns equipamentos como mostra a as Figuras 55 a 66. O que se observa, entretanto, é uma degradação de seus edifícios e do projeto urbanístico, em uma área com grande potencial.

Figura 55 – Planta existente do terreno



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 56 – Legenda mapa da planta existente

LEGENDA EQUIPAMENTOS:

- ① CAMPO DE FUTEBOL
- ② RESTAURANTE
- ③ ESTACIONAMENTO
- ④ GRUTA
- ⑤ LANCHONETE
- ⑥ QUIOSQUES
- ⑦ EQUIPAMENTO SUB UTILIZADO
- ⑧ EQUIPAMENTO SUB UTILIZADO
- ⑨ MARINA

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 57 – Vista U e V



Fonte: Acervo da autora

Figura 58 – Vista S e T



Fonte: Acervo da autora

Figura 59 – Vista P, Q e R



Fonte: Acervo da autora

Figura 60 – Vista N e O



Fonte: Acervo da autora

Figura 61 – Vista L e M



Fonte: Acervo da autora

Figura 62 – Vista J e K



Fonte: Acervo da autora

Figura 63 – Vista H e I



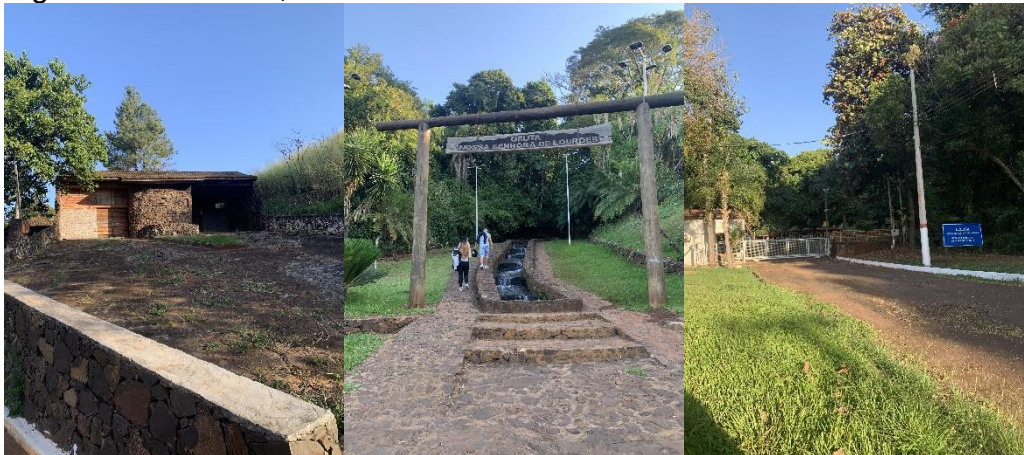
Fonte: Acervo da autora

Figura 64 – Vista F e G



Fonte: Acervo da autora

Figura 65 – Vista C, D e E



Fonte: Acervo da autora

Figura 66 – Vista A e B



Fonte: Acervo da autora

5 PROPOSTA PROJETUAL

Após analisar as necessidades locais, a sugestão viável para o município e conceito do projeto, é a criação de um parque linear as margens do Rio Tietê, com aspectos simbólicos para a sustentabilidade ambiental, ascensão turística do município, bem como o bem-estar da comunidade. O local, conta com acessibilidade e diversificação de usos, sendo convidativo a todos. Com área de permanência, caminhada, faixa de areia, anfiteatro, restaurante e praça de alimentação, playground, ciclofaixa, áreas para feira e quadras esportivas, esses ambientes são características de grandes centros turísticos, sendo símbolos de bem-estar populacional e regeneração ambiental.

5.1 CONCEPÇÃO PROJETUAL

O projeto traz um novo significado para um local já existente, porém que atualmente não possui a utilização do potencial que carrega pela sua localização privilegiada, nas margens do Rio Tietê e na divisão entre a cidade de Barra Bonita e Igaraçu do Tietê, sendo assim, um atributo que confere vantagens a proposta, visto a imediação, concentração e qualidade nas questões de transporte, serviços prestados e acessibilidade.

A intenção projetual desenvolvida nessa monografia, é a implantação de um Parque que encontra-se beirada/margeada pelo rio Tietê e que seja de uso a todas as pessoas da cidade e região, independentemente de gêneros e idades, buscando sempre compreender e abranger características da arquitetura inclusiva, proporcionando integração e acessibilidades aos usuários, criando assim espaços públicos de qualidade, que possam agregar valor para a cidade, para os moradores e população no geral, bem como para os turistas.

Um aspecto de suma importância, é a vegetação, que está presente em todo o decorrer, contribuindo com o controle da radiação solar, temperatura e humidade do ar nas áreas de permanência, e também nas áreas de passagem, criando ambientes confortáveis.

A sua relação com o rio Tietê, que servirá para o projeto também como um elemento essencial, contribuindo não só com o embelezamento e atração, mas também como um modo de interação com a natureza, que tem o papel de auxiliar no

bem estar físico e mental, trazidos pela harmonia de uma paisagem saudável e equilibrada.

Através de uma proposta funcional e bem-feita, ambientes diversificados, deram novas funções ao parque, se adequando as necessidades dos usuários, da cidade e do turismo, conformando um espaço democrático com variadas atividades culturais, alimentação, prática de atividades física, socialização e de lazer.

5.2 CONCEITO E PARTIDO

Buscando atender as necessidades locais ambientais e sociais da comunidade, o programa de necessidades foi criteriosamente estabelecido, através de uma análise pontual do local.

Afim de estabelecer uma área de convívio agradável, seus usos foram gerados por meio da demanda dos moradores, bem como, do objetivo turístico do município e dos princípios ambientais do projeto.

Dessa forma, para a área de intervenção, foi estipulado o projeto de um parque linear, local democrático e sensorial, onde prevalecem aspectos da cultura local e contato com a paisagem. A presença desse, é de caráter crucial em meio a malha urbana, trazendo para o município, melhoria do estilo de vida da comunidade, do turismo, e como consequência da economia local.

Analizando as necessidades locais, a sugestão viável para o município e conceito do projeto, é a criação de um parque linear as margens do Rio Tietê, com aspectos simbólicos para a recuperação ambiental, ascensão turística do município, bem como o bem estar da comunidade. Para isso, o local, conta com acessibilidade e diversificação de usos, sendo convidativo a todos. Um estudo primário através de um croqui (Figura 67), deu sentido a área, atribuindo a essa, área de permanência, caminhada, faixa de areia, anfiteatro, restaurante e praça de alimentação, playground, ciclofaixa, áreas para feira e quadras esportivas, esses ambientes são características de grandes centros turísticos, sendo símbolos de bem estar populacional e regeneração ambiental.

Figura 68 –Usos do parque

USOS DO PARQUE		
NUMERO	NOME	AREA
1	Quadra de basquete	514,71 m ²
2	Campo de futebol	5476,58 m ²
3	Quadras de vôlei de areia	448,00 m ²
4	Quiosque 5	346,27 m ²
5	Quiosque 6	346,27 m ²
6	Playground	1809,56 m ²
7	Centro náutico	1013,95 m ²
8	Porto	500,00 m ²
9	Fonte interativa	2123,72 m ²
10	Anfiteatro	1247,25 m ²
11	Estacionamento 1	664,44 m ²
12.1	Cozinha Quiosque 1	116,27 m ²
12.2	Convivência Quiosque 1	230,09 m ²
13.1	Cozinha Quiosque 2	48,28 m ²
13.2	Convivência Quiosque 2	61,40 m ²
14.1	Cozinha Quiosque 3	116,27 m ²
14.2	Convivência Quiosque 3	230,09 m ²
15.1	Cozinha Quiosque 4	48,28 m ²
15.2	Convivência Quiosque 4	61,40 m ²
16	Deck Convivência	6093,10 m ²
17	Vestiários e administração	711,12 m ²
18	Area piquenique e passeio	8849,57 m ²
19	Floresta	3330,00 m ²
20	Estacionamento 2	4136,03 m ²
21	Restaurante	1360,02 m ²
TOTAL		39.882,66m ²

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 69 – Usos do solo

USOS DO SOLO		
NÚMERO	NOME	ÁREA
1	Areia	15538,68m ²
2	Asfalto	21952,90m ²
3	Caminhos	33291,80m ²
4	Canteiros	6565,40m ²
5	Ciclofaixa	4428,67m ²
6	<u>Alissio</u>	530,65m ²
27	Gramma Preta	8668,38m ²
8	Gramma azul	1970,26m ²
9	Trevinho Amarelo	6645,73m ²
10	Dinheiro em Penca	1660,52m ²
11	Caminho em Pedra Basalto	313,51m ²
12	Gramma Esmeralda	2254,4m ²
13	Faixa Pedestre	9,67m ²
TOTAL + ÁREAS VERDES		137758,91 m ²

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 70 – Usos dos quiosques

USOS DOS QUIOSQUES		
NOME	NÍVEL	ÁREA
Convivência Quiosque 1	TÉRREO	230,09 m ²
Convivência Quiosque 2	TÉRREO	61,40 m ²
Convivência Quiosque 3	TÉRREO	230,09 m ²
Convivência Quiosque 4	TÉRREO	61,40 m ²
Cozinha Quiosque 1	TÉRREO	116,27 m ²
Cozinha Quiosque 2	TÉRREO	48,28 m ²
Cozinha Quiosque 3	TÉRREO	116,27 m ²
Cozinha Quiosque 4	TÉRREO	48,28 m ²
TOTAL		912,09 m ²

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 71 – Usos do restaurante

USOS DO RESTAURANTE		
NOME	NIVEL	AREA
Administração	TERREO	16,73 m ²
Cozinha e montagem de pratos	TERREO	194,31 m ²
Elevador	TERREO	16,56 m ²
Frigorifico	TERREO	33,01 m ²
Hall WC	TERREO	33,99 m ²
Palco de apresentações	TERREO	28,24 m ²
Pizzaria	TERREO	59,92 m ²
Praça do restaurante	TERREO	439,83 m ²
Recebimento e dispensa	TERREO	108,18 m ²
Recepção e espera	TERREO	117,78 m ²
Self Service	TERREO	36,56 m ²
WC Fem.	TERREO	43,77 m ²
WC masc.	TERREO	28,27 m ²
WC PCD	TERREO	3,03 m ²
WC Serviço	TERREO	3,16 m ²
Area de alimentação	TERREO	571,03 m ²
Bistrô/Bar	PAV.1	456,35 m ²
Cozinha Bar	PAV.1	70,30 m ²
DML	PAV.1	2,01 m ²
Hall 2	PAV.1	7,78 m ²
WC Fem. 2	PAV.1	7,86 m ²
WC masc. 2	PAV.1	3,14 m ²
WC PCD 2	PAV.1	3,14 m ²
Mirante Restaurante	PAV.2	1445,29 m ²
TOTAL		3730,26m ²

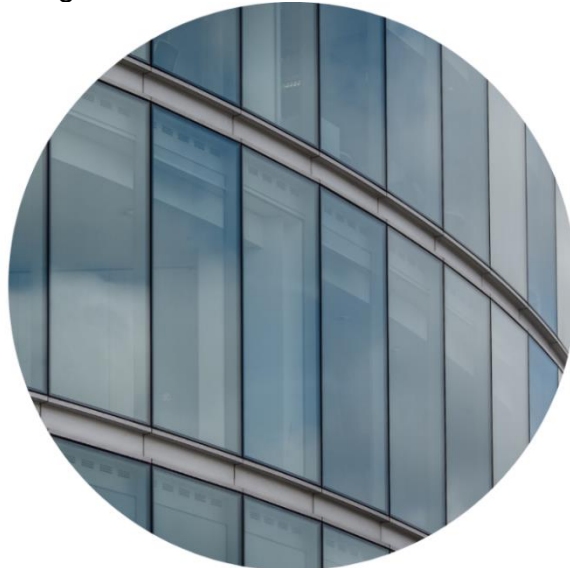
Fonte: Elaborado pela autora

5.4 MATERIALIDADE

Os materiais utilizados para a concepção do parque bem como das edificações nele presentes, foram em grande maioria o vidro, a madeira e o concreto armado, que juntos, geram uma composição harmônica, agradável e versátil.

O vidro (Figura 72) é capaz de gerar uma ênfase nos ambientes onde forem aplicados, chamando atenção dos usuários, principalmente no restaurante, que se mostra convidativo e participativo da paisagem, fazendo o usuário se integrar com o Parque e com o Rio.

Figura 72 - Painéis de vidro



Fonte: Acervo da autora

Já o concreto Armado (Figura 73) possui além de sua beleza estética inigualável, é essencial para garantir uma boa estrutura, uma vez que possui grande resistência advinda do conjunto do aço (com alta resistência a tração) com o concreto (com alta resistência a compressão).

Figura 73 - Concreto armado



Fonte: Acervo da autora

A madeira (Figura 74) é capaz de gerar no ambiente ainda mais um contato com a natureza, auxiliando na composição dos outros materiais no meio, sem que pareça artificial, e pelo contrário, dando vida aos elementos.

Figura 74 - Madeira



Fonte: Acervo da autora

Além disso, outro elemento utilizado para agregar ainda mais contato com a natureza, foram os jardins verticais (Figura 75), aperfeiçoando e embelezando os equipamentos urbanos.

Figura 75 – Jardim vertical



Fonte: Acervo da autora

Cada um com sua particularidade, são capazes de fazer uma conexão entre os equipamentos, o parque e o Rio. Nas imagens a seguir, serão mostradas composições entre esses três materiais (Concreto Armado, Vidro e Madeira), utilizados na obra do Escritórios León Research (Figura 76), e do Parque Urbano da Orla do Guaíba (Figura 77).

Figura 76 – Escritórios León Research



Fonte: Archidaily

Figura 77 - Parque Urbano da Orla do Guaíba



Fonte: Archidaily

5.5 PROJETO

Após o estudo preliminar realizado pelo croqui, bem como o estudo da área e das suas necessidades, alternativas foram analisadas afim de gerar uma resultante interessante e capaz de prover o que o projeto tem como objetivo, ou seja, levar a sustentabilidade e natureza de volta pra área, sem deixar de criar um ambiente sociável e importante para o turismo e para a cidade.

5.5.1 IMPLANTAÇÃO

As ideias foram projetadas no software Revit, dando formato a implantação (Figura 78), com a dimensão, topografia e equipamentos urbanos previstos. A partir desse, os cortes volumétricos, detalhamentos dos principais pontos, figuras isométricas e volumétricas foram formadas, dando valor ao projeto.

Através da implantação podemos identificar diferentes espécies de vegetação de grande e médio porte (Figura 79) e vegetação rasteira (Figura 80), ambas selecionadas especialmente conforme o clima e a presença dessas espécies na região.

Figura 78 - Implantação do Parque Linear



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 79 – Vegetação de grande e médio porte

NOME POPULAR	NOME CIÊNTIFICO	COPA (M)	ALTURA (M)	FLOR	FRUTO
 SAPUCAIA	Lecythis pisonis	8 á 16	01 á 10	Set-Out	Ago-Set
 JATOBÁ	Hymenea courbaril	7 á 8	15 á 20	Out-Dez	Jul
 COPAIBA	Copaifera langsdorffii	15	01 á 10	Dez-Mar	Ago-Set
 SIBIPIRUNA	Caesalpinia Pluviosa	15	01 á 08	Ago-Nov	Jul-Set
 PALMEIRA IMPERIAL	Roystonea oleracea	8	35 á 40	Set-Dez	Dez-Mar
 PALMEIRA AZUL	Bismarckia nobilis	12	08 á 25	Set-Dez	Dez-Mar
 CAROBA	Jacaranda macrantha	10	08 á 12	Nov-Jan	Set-Out
 PEROBA ROSA	Aspidaspeta polyneuron	9	20 á 30	Out-Nov	Ago-Set
 AROEIRA PIMENTEIRA	Schinus terebinthifolius	10	05 á 10	Set-Jan	Jan-Jul
 AROEIRA SALSA	Schinus molle	8	04 á 08	Ago-Nov	Dez-Jan
 QUARESMEIRA	Tibouchina granulosa	7	08 á 12	Jun-Ago	Abr-Maio
 IPÊ BRANCO	Tabebuia roseo-alba	12	07 á 16	Ago-Out	Ago

Fonte: Elaborado pela autora

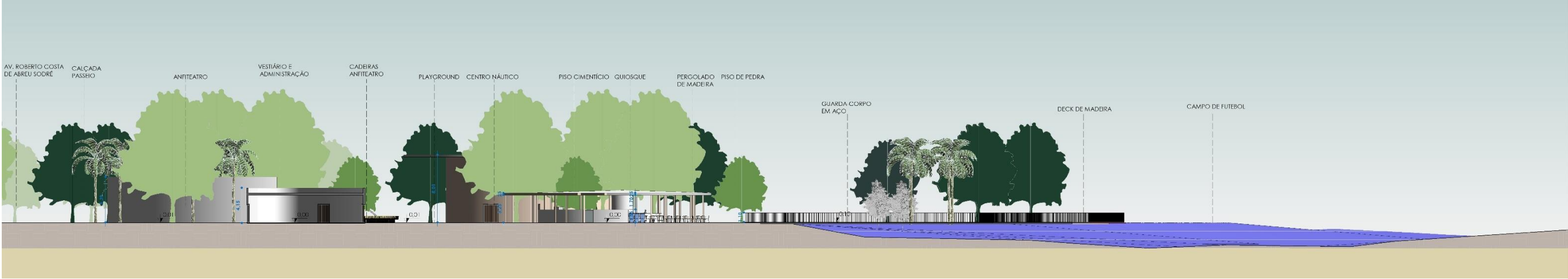
Figura 80 – Vegetação de pequeno porte

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO
TREVINHO AMARELO	Oxalis pes-caprae	DINHEIRO EM PENCA	Callisia repens
GRAMA AZUL	Festuca glauca	GRAMA PRETA	Poaceae
GRAMA ESMERALDA	Zoysia japonica	ALISSIO	Alyssum

Fonte: Elaborado pela autora

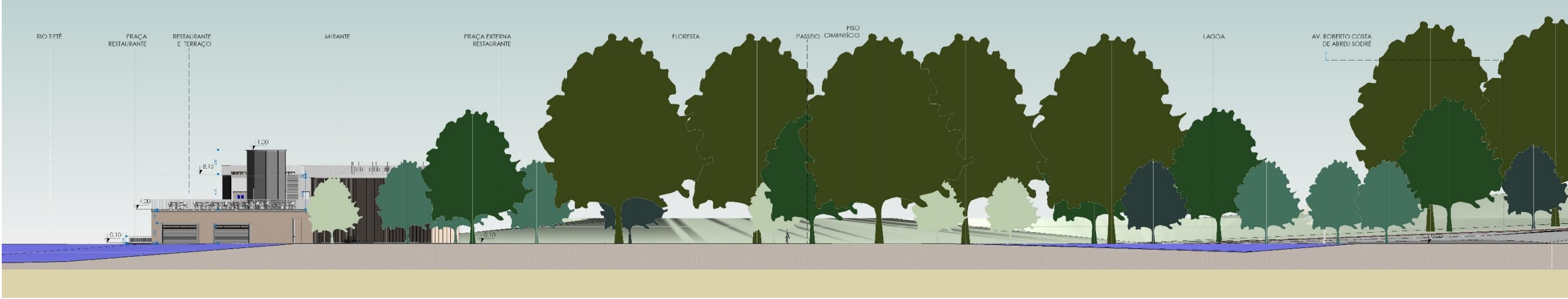
A partir da implantação, os cortes transversais (Figura 81 e 82) foram formados, permitindo analisar a topografia local e como essa foi utilizada dentro do projeto. Também fica possível a verificação da relação dos elementos projetuais.

Figura 81 - Corte A



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 82 - Corte B



Fonte: Elaborado pela autora

5.5.2 RESTAURANTE

Levando em consideração a proporção do projeto do Parque linear da cidade de Igarauçu do Tietê, nota-se que a cidade não possui nenhuma modalidade de espaços de refeições para os usuários poderem usufruir, dessa forma, a ideia de inserir no próprio Parque um restaurante, foi necessária.

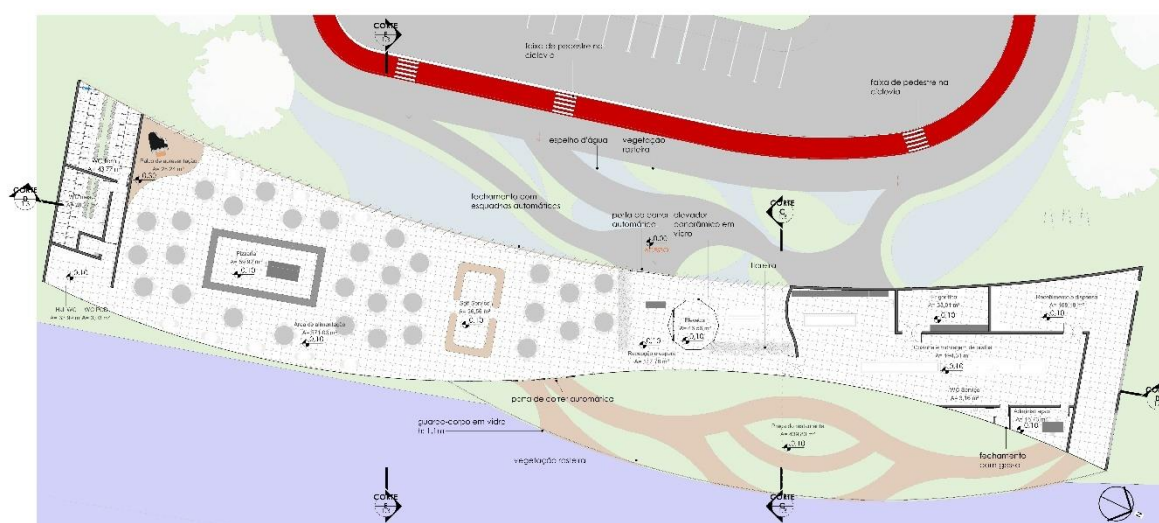
O conceito do restaurante, após inúmeros estudos, deixou sua função primária, para dar espaço a novas proporções, com a inserção de um segundo e terceiro pavimento.

No térreo do restaurante (Figura 83), o projeto foi desenvolvido através de inúmeras modalidades, com dois quiosques centrais, sendo um deles pizzaria e o outro self-service de aperitivos e entradas. No decorrer do ambiente, as mesas ficam dispostas, para os usuários se aconchegarem e assim realizarem seus pedidos.

Para melhor proveito do espaço, também há um palco para apresentações musicais, sanitários amplos com hall, e uma sala de espera ampla na recepção, onde os clientes podem aguardar confortavelmente bebendo drinks. Neste mesmo andar, a cozinha tem papel necessário, uma vez que neste mesmo local aulas de culinárias serão realizadas em horários opostos ao de funcionamento do restaurante.

Além disso, uma bela praça surge como deque sobre o Rio, onde se pode notar uma vista e pôr do Sol esplêndidos.

Figura 83 - Térreo do Restaurante

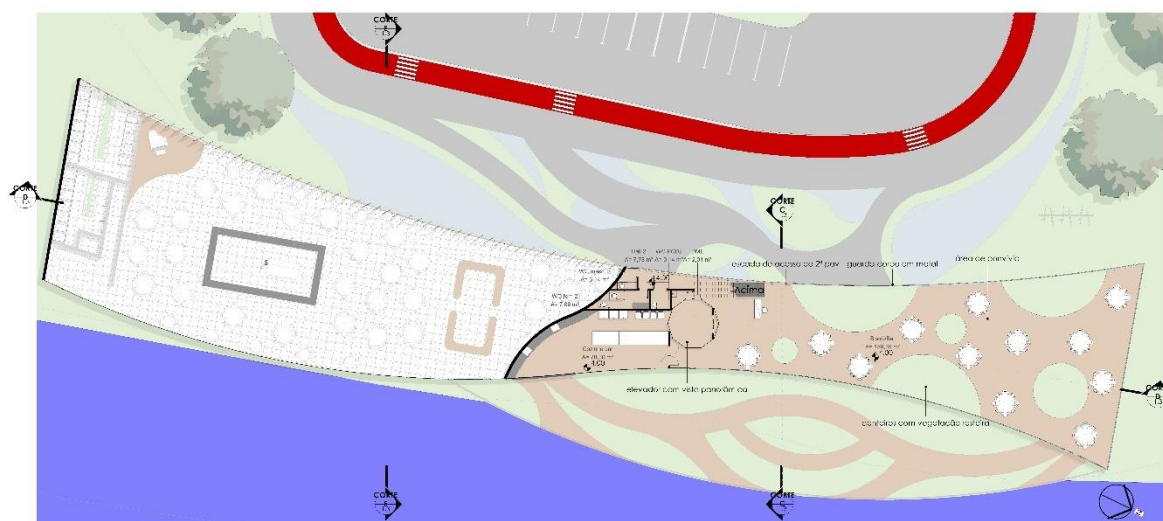


Fonte: Elaborado pela autora

O pavimento acima do térreo (Figura 84), tem acesso através de elevador, e contém cozinha pequena para preparos de bebidas e pequenas porções uma vez que tem função de bar bistrô. Neste ambiente que é aberto ao céu e conta com vegetação, se faz ideal o uso nos períodos de manhã e tarde como brunch família, e aos finais de tarde, onde a vida noturna começa a surgir, um ambiente mais jovial.

Também conta com sanitários, para um uso facilitado e adequado.

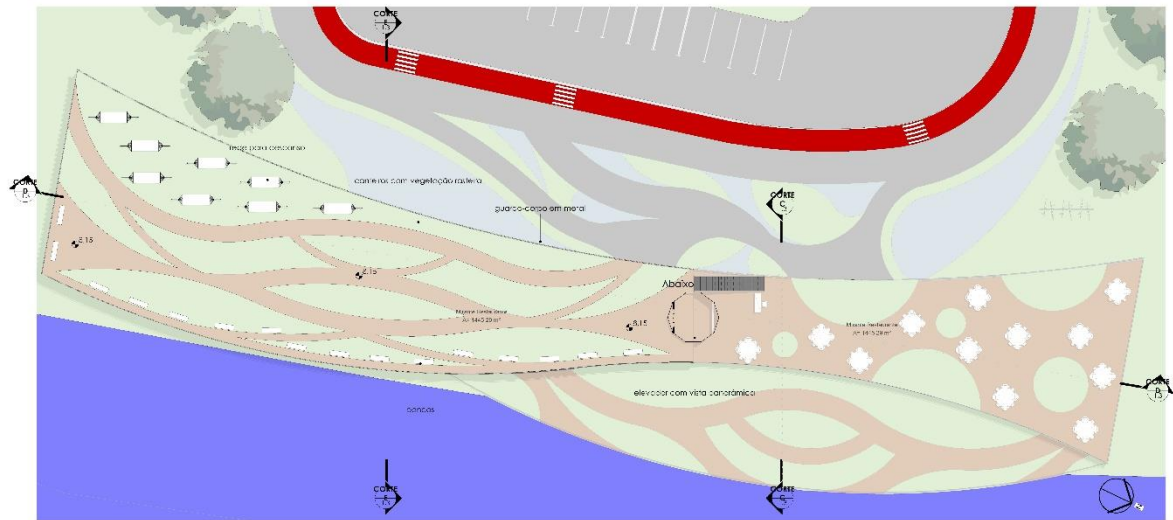
Figura 84 - Pavimento 1 Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

No segundo pavimento (Figura 85), uma espécie de Mirante foi criado, onde passeios e piqueniques podem ocorrer enquanto o usuário desfruta das disposições do bar e restaurante. Há também espaços de descanso com redes e bancos para inclusão de todos.

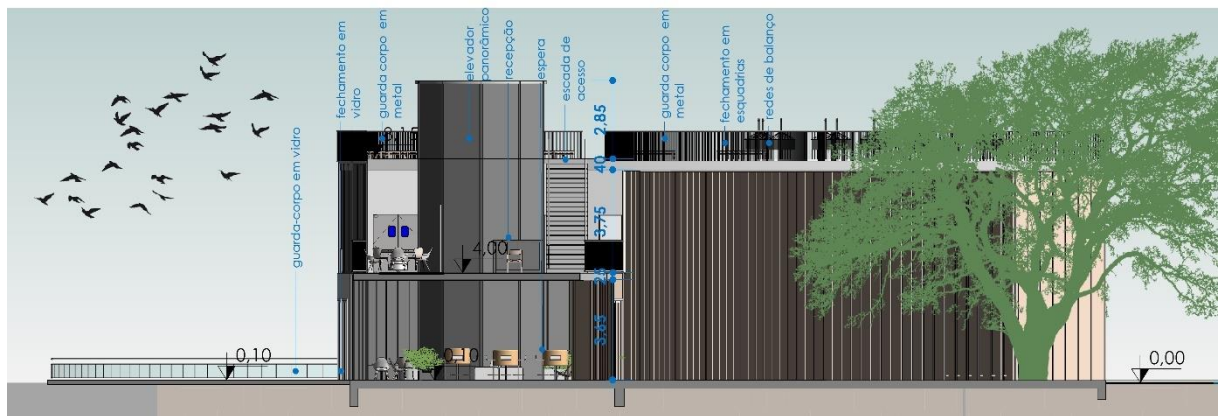
Figura 85 - Pavimento 2 Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

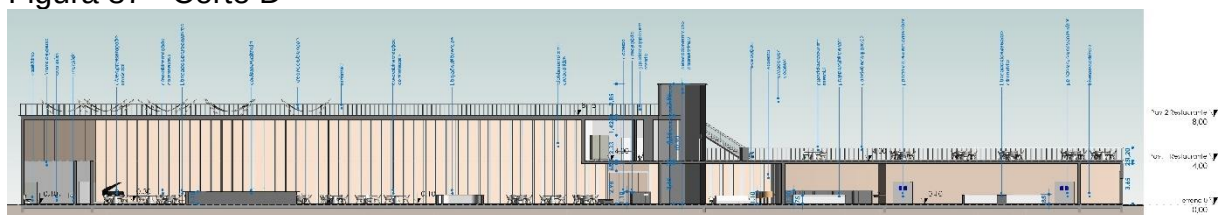
A seguir, encontram-se os Corte C, D e E (Figuras 86 a 88) realizados do Restaurante, sendo possível identificar os níveis, acessos e volumetria.

Figura 86 - Corte C



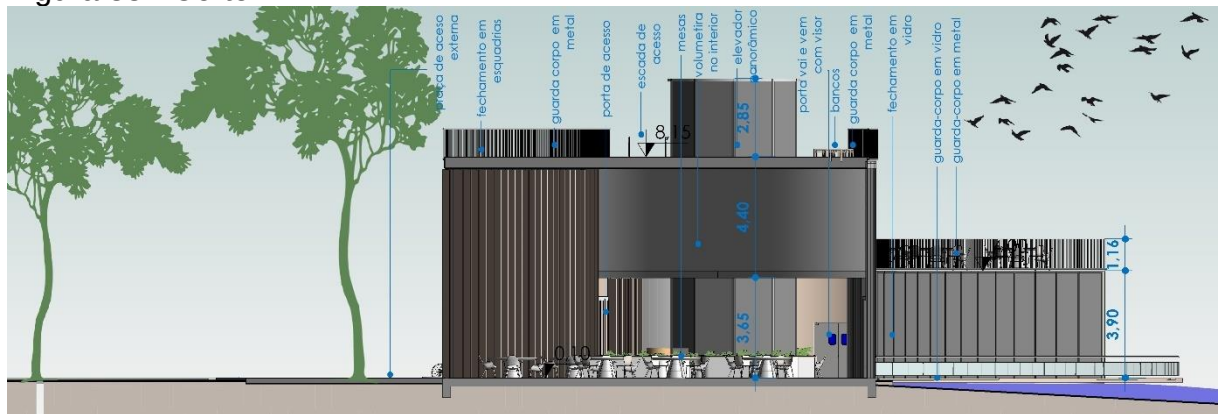
Fonte: Elaborado pela autora

Figura 87 - Corte D



Fonte: Elaborado pela autora

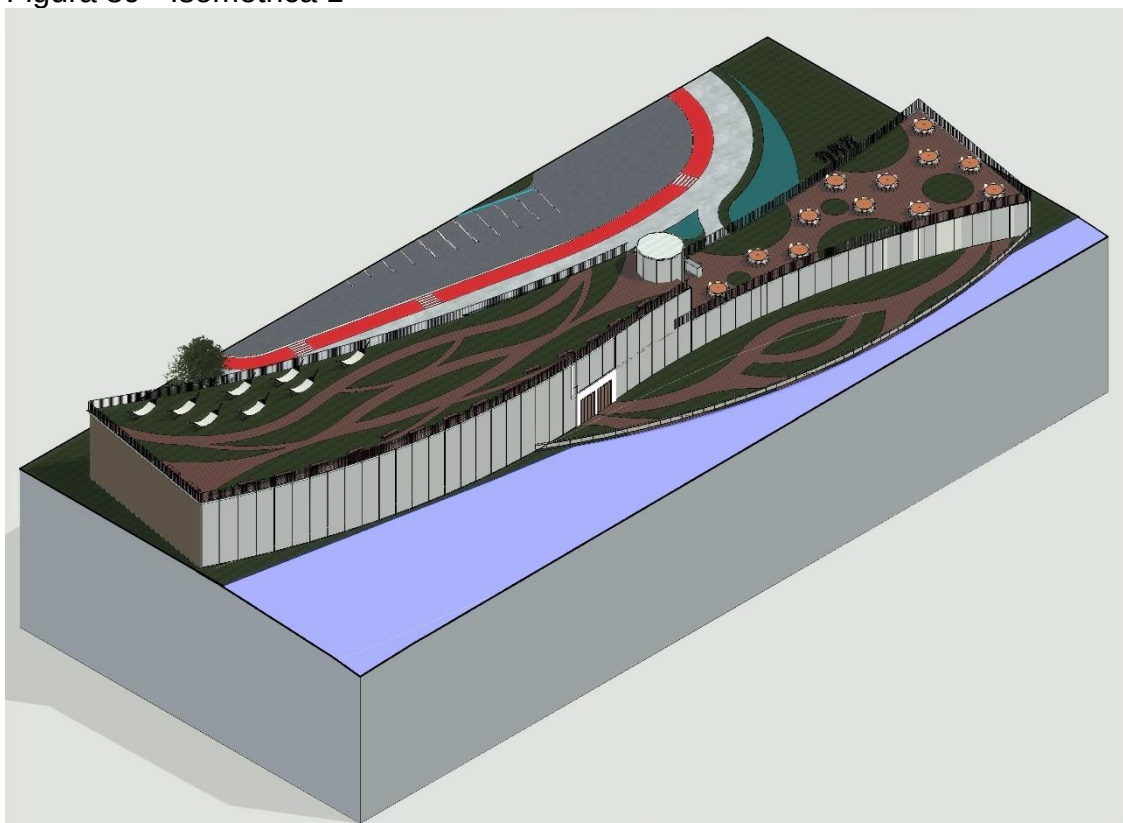
Figura 88 - Corte E



Fonte: Elaborado pela autora

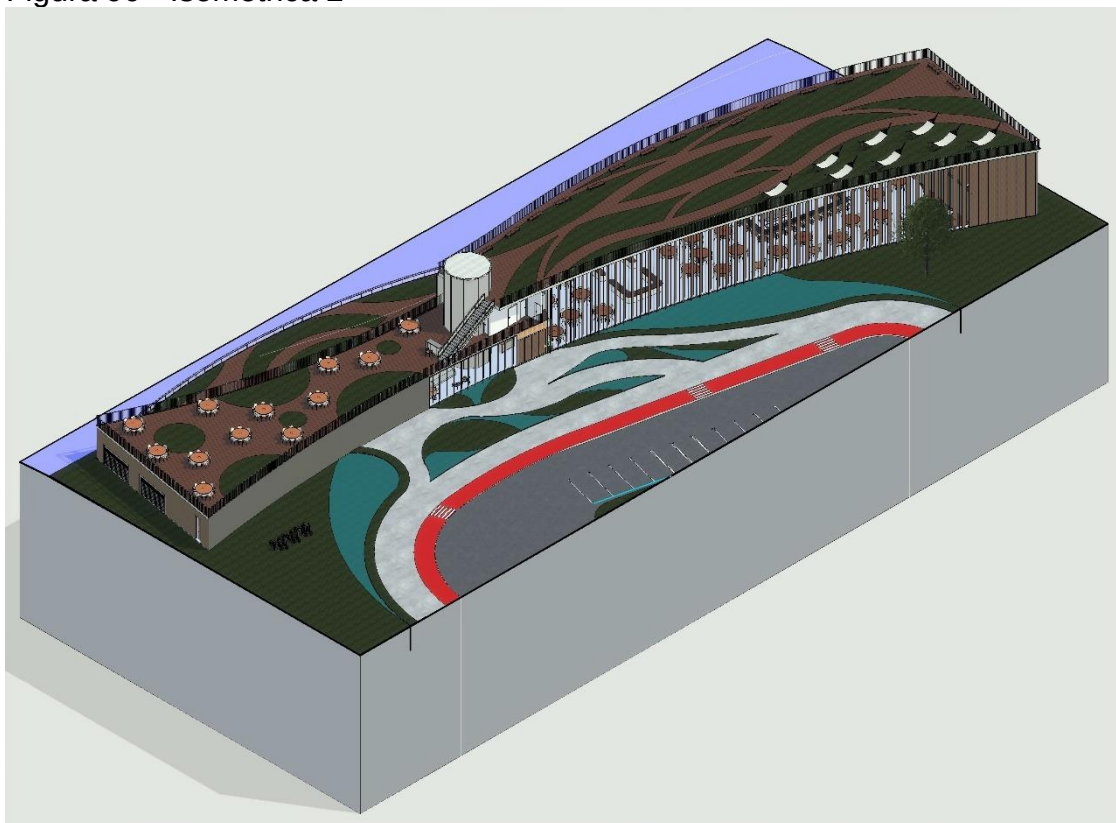
E para um entendimento contínuo do que foi desenvolvido, foram realizadas também vistas isométricas (Figura 89 e Figura 90), demonstrando a volumetria no geral.

Figura 89 - Isométrica 1



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 90 - Isométrica 2



Fonte: Elaborado pela autora

5.5.3 QUIOSQUE

Para a facilidade, praticidade e maior contato com o parque, outra proposta foi realizada apesar do restaurante para alimentação, que são os quiosques (Figura 91). Dessa vez, um local com um propósito de interrelações pessoas mais abrangentes, foram realizados dois quiosques no centro do Parque, envolvendo os usuários que certamente em dado momento chegarão a este ponto, e se tornando um marco referencial de encontro.

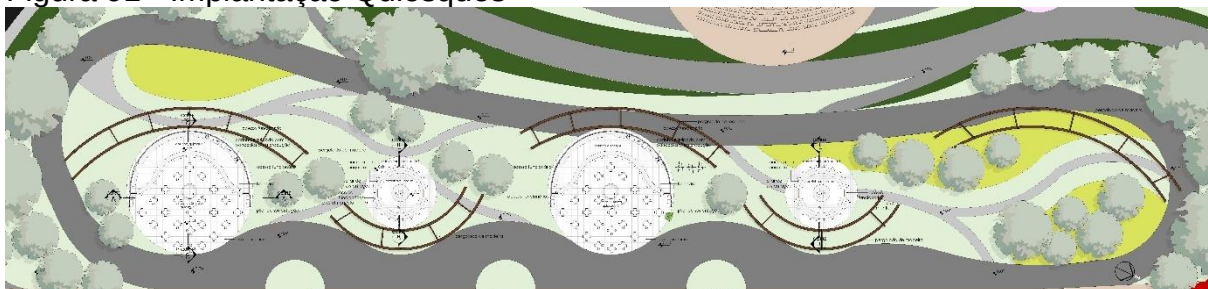
Os quiosques foram pensados de forma a se inserir no contexto do parque e da natureza, não se tratando de uma fuga, mas sim de uma integração com o todo do projeto.

O quiosque de menor área, foi desenvolvimento exclusivamente para fornecimento de bebidas aos usuários, contando com uma cozinha menor e um espaço de balcão 360° ao redor desta, facilitando o serviço do funcionário que estará no preparo do pedido, e permitindo a boa visualização deste.

Este local, além de prático, foi desenvolvido pela sua tendência sociável, agradando ainda mais o público que busca essa relação.

O quiosque de área maior, foi desenvolvido para local de refeição, contando com ampla cozinha e mesas confortáveis para receber amigos e família. Este local chama atenção de quem deseja estar inserido no ambiente do parque, na natureza, e na circulação de usuários, e ainda assim contar com um cardápio variado.

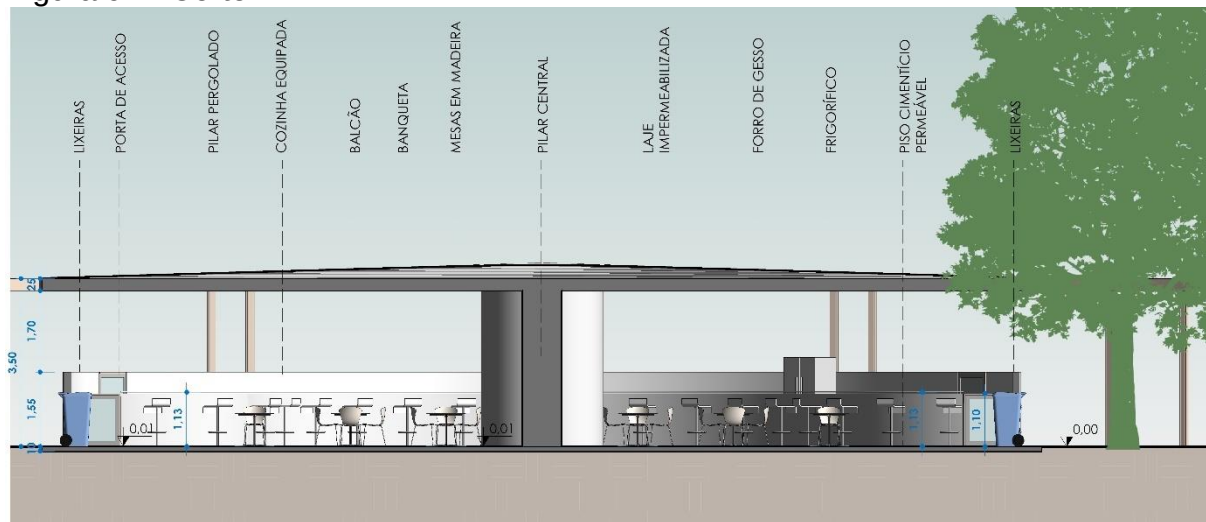
Figura 91 - Implantação Quiosques



Fonte: Elaborado pela autora

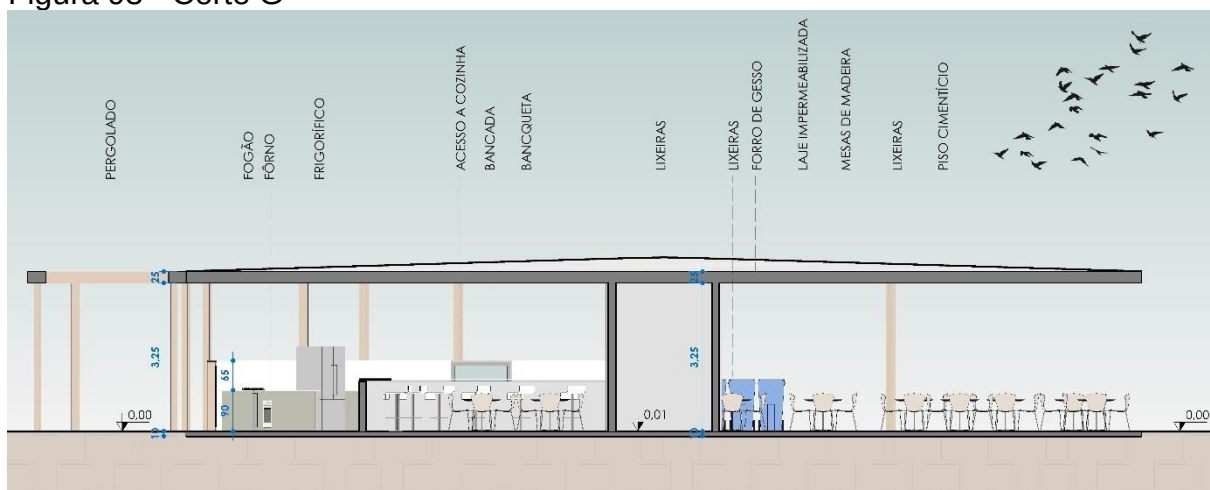
A seguir, têm-se os Cortes F, G, H e I, disponíveis nas Figura 92 A 95.

Figura 92 - Corte F



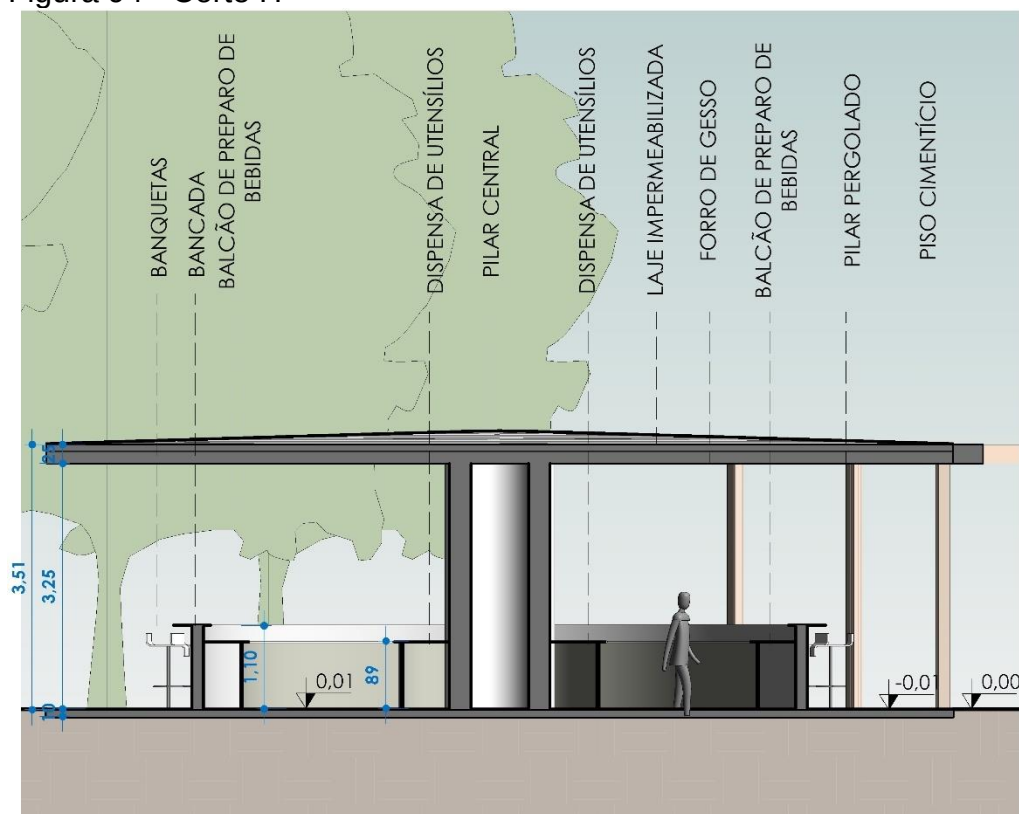
Fonte: Elaborado pela autora

Figura 93 - Corte G



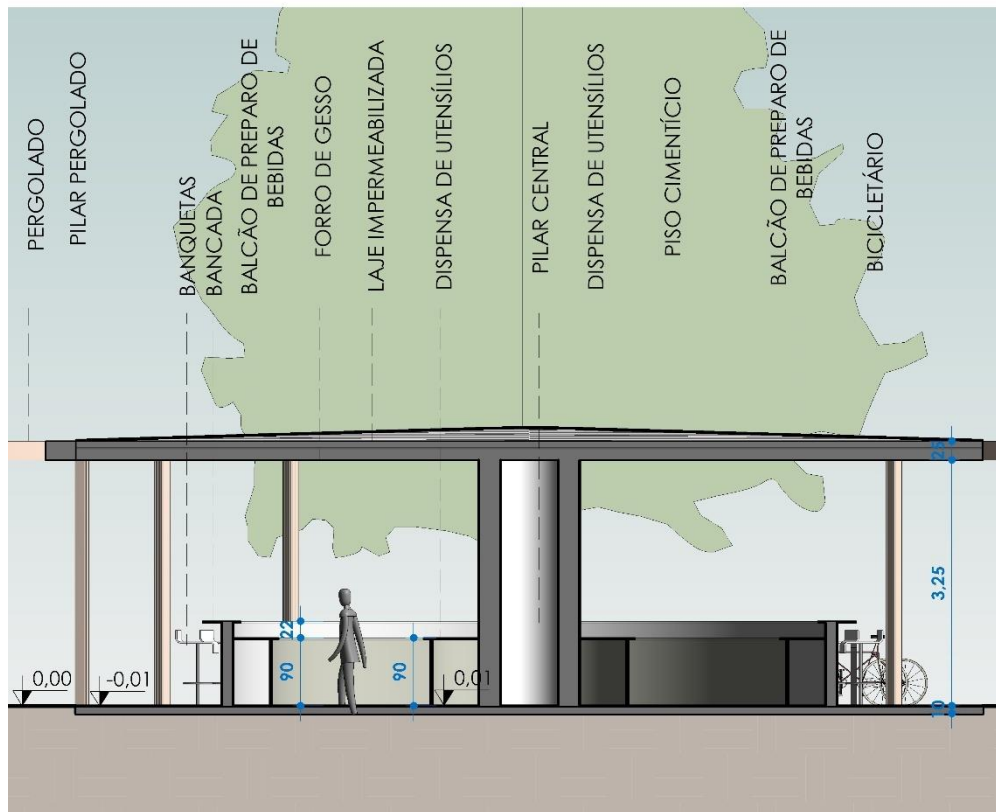
Fonte: Elaborado pela autora

Figura 94 - Corte H



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 95 - Corte I

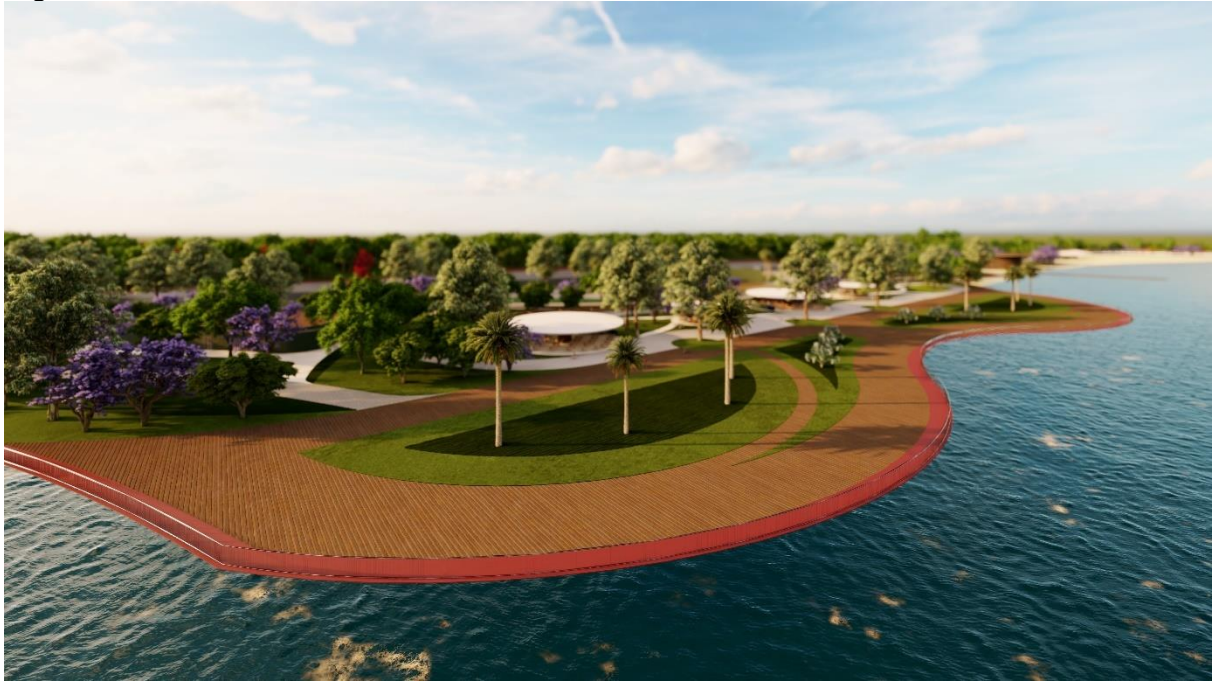


Fonte: Elaborado pela autora

5.5.4 VOLUMETRIA

Por último, dando vida ao projeto, as imagens realistas (Figura 96 a) foram executadas buscando aplicar materialidade, escalas humanas, objetos de detalhe e paisagismo. Criando esta realidade virtual, garantimos uma noção e emoção do que será gerado a partir da proposta projetual.

Figura 96 - Vista do deck



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 97 - Playground 01



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 98 - Centro náutico e sua relação com o Rio no fim da tarde



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 99 - Playground 02



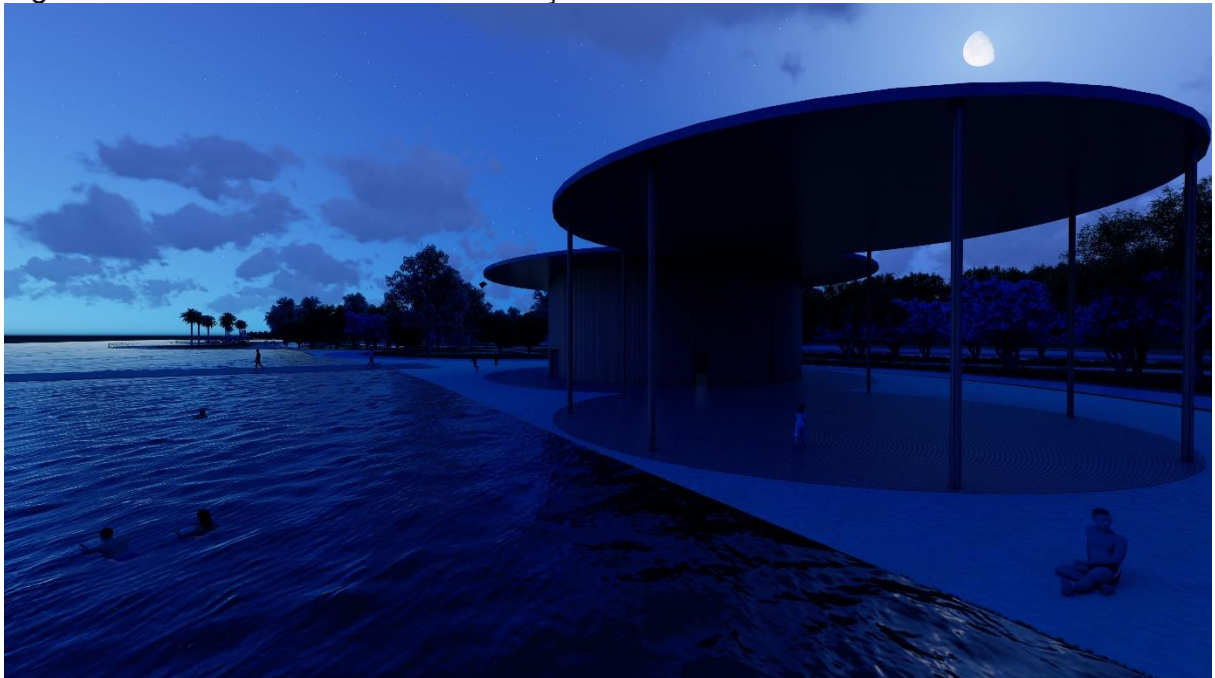
Fonte: Elaborado pela autora

Figura 100 - Centro náutico e sua relação com o Rio



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 101 - Centro náutico e sua relação com o Rio a noite



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 102 - Faixa de areia e Centro náutico



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 103 - Vista nível pedestre



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 104 - Vista do quiosque menor



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 105 - Relação quiosques, pergolado e entorno



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 106 - Relação quiosques e entorno



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 107 - Vista do quiosque maior



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 108 - Fonte interativa



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 109 - Passeio



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 110 - Vista aérea do parque



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 111 - Vista aérea em planta



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 112 - Fachada posterior restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 113 - Calçadão e ciclofaixa a beira da lagoa



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 114 - Vista do parque a partir do mirante



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 115 - Área de apresentação musical Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 116 - Distribuição de mesas Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 117 - Vista da entrada do Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 118 - Sala de espera Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 119 - Relação Rua e Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 120 - Relação Rio e Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 121 - Vista do Restaurante por um usuário



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 122 - Vista do 2º Pav. Restaurante



Fonte: Elaborado pela autora

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse trabalho, nota-se a necessidade e importância de um parque no contexto urbano, compreendendo seu papel fundamental no bem estar social, e sua dinâmica ambiental. Esses espaços de qualidade oferecidos pela cidade, por muitas vezes, se constituem com uma infraestrutura precária e acabam se tornando áreas subutilizadas, e recorrendo a projetos de revitalização urbana e paisagística.

Em busca de dar vida a estes espaços, o projeto de um parque linear, passa por um estudo e análise aprofundada, como visto nessa monografia, que abordou além de seus conceitos, a questão ambiental e urbana quando conectadas, e quais as necessidades ao se tratar de áreas sensíveis como essas de forma a atingir a recuperação ambiental desejada, e ainda assim promover o lazer.

Mesmo em se tratando de uma pequena cidade interiorana, o Parque se faz importante na vida da comunidade, bem como no contexto de estância turística que a cidade é atribuída, sendo provedores de recreação, cultura, lazer, esporte e interações humanas e ambientais, resgatando a relação humana com a natureza e principalmente o rio, que por sua história e importância gerará uma nova identidade na cultura local. Por sua vez, esses fatores ainda, alavancam a economia da cidade, fomentando seu desenvolvimento em todos os âmbitos.

A proposta projetual realizada nesta monografia contribuirá com a conscientização ambiental por parte dos indivíduos, que por sua vez, serão atendidos com uma variedade de atividades provedoras de satisfação humana pelas mais diversas propostas ofertadas e interações, motivando o uso do espaço para uma causa maior e potencializando seu valor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZING ARCHITECTURE. **Docklands Park, Yangtze River, Jiangyin designed by BAU (Brearley Architects & Urbanists)**. Disponível em: <https://amazingarchitecture.com/park/docklands-park-yangtze-river-jiangyin-designed-by-bau-brearley-architects-urbanists>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ARCHDAILY. **Clássicos da Arquitetura: As Arquiteturas do Parque Ibirapuera / Oscar Niemeyer**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/898302/classicos-da-arquitetura-as-arquiteturas-do-parque-ibirapuera-oscar-niemeyer>. Acesso em: 24 mai. 2022.

ARCHDAILY. **Escritórios León Research / VIRA arquitectura**. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/986986/escritorios-leon-research-vira-arquitectura?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 1 set. 2022.

ARCHDAILY. **Intervenção urbana transforma margem do rio em área de convívio público em Madri**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/883041/intervencao-urbana-transforma-margem-do-rio-em-area-de-convivio-publico-em-madri>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ARCHDAILY. **Madrid RIO / West 8, Burgos & Garrido, Porras La Casta, Rubio Alvarez Sala**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-60376/madrid-rio-west-8-burgos-e-garrido-porras-la-casta-rubio-alvarez-sala>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ARCHDAILY. **Parque Docklands / BAU Brearley Architects + Urbanists**. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/963024/parque-docklands-bau-brearley-architects-plus-urbanists?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 13 abr. 2022.

ARCHDAILY. **Parque Urbano da Orla do Guaíba / Jaime Lerner Arquitetos Associados**. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orla-do-guaiba-jaime-lerner-arquitetos-associados?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 1 set. 2022.

ARCHDAILY. **Segunda fase do Corredor Verde de Cali na Colômbia**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/781254/assim-sera-a-segunda-fase-do-corredor-verde-de-cali-em-colombia>. Acesso em: 6 abr. 2022.

ARTE FORA DO MUSEU. **Planetário do Ibirapuera**. Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/planetario/#:~:text=O%20projeto%20%C3%A9%20de%20autoria,tal%20problema%2C%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de>. Acesso em: 24 mai. 2022.

CARDOSO; J, F.. **Análise, concepção e intervenções nos fundos de vale da cidade de Alfenas** [MG]., Campinas-SP, 2009. Disponível em:

https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/1736/pdf_128. Acesso em: 26 abr. 2022.

CARNEIRO, Sá. PAISAGEM AMBIENTE. **Especial**, São Paulo, v. 1, n. 23, p. 23-25, jun./2007.

CIDADES IBGE. **Conheça a história das cidades - Igarçu do Tietê**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/igaracu-do-tiete/historico>. Acesso em: 6 mai. 2022.

COSTA; MARIA, Lúcia. **Rios e Paisagens Urbanas Em Cidades Brasileiras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vianna e Mosley/PROURB, 2006. p. 9-15.

DIVISARE. **BURGOS & GARRIDO ARQUITECTOS, PORRAS LA CASTA ARQUITECTOS, RUBIO & ÁLVAREZ SALA ARQUITECTOS, WEST 8 MADRID RÍO**. Disponível em: <https://divisare.com/projects/441666-burgos-garrido-arquitectos-porras-la-casta-arquitectos-rubio-alvarez-sala-arquitectos-west-8-ana-muller-jeroen-musch-madrid-rio>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Parque Ibirapuera**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao396948/parque-ibirapuera>. Acesso em: 24 mai. 2022.

ESTÂNCIA TURÍSTICA DE IGARAÇU DO TIETÊ. **Conheça Nosso Município**. Disponível em: <https://www.igaracudotiete.sp.gov.br/portal/servicos/1001/conheca-nosso-municipio/>. Acesso em: 6 mai. 2022.

FERREIRA, Adjalme Dias. EFEITOS POSITIVOS GERADOS PELOS PARQUES URBANOS: O Caso do Passeio Público da Cidade do Rio de Janeiro . **Dissertação apresentada ao curso de Pós Graduação em Ciência Ambiental**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-2, abr./2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301548698_Efeitos_Positivos_Gerados_Pelos_Parques_Urbanos_O_Caso_do_Passeio_Publico_da_Cidade_do_Rio_de_Janeiro. Acesso em: 22 abr. 2022.

FRIEDRICH, Daniela. O parque linear como instrumento de planejamento e gestão das áreas de fundo de vale urbanas. **Dissertação (Mestrado em planejamento Urbano e Regional)**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-2, mai./2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13175>. Acesso em: 3 abr. 2022.

GARABINI; ARAÚJO, Elvio. Garabini, Elvio Araújo. **Dissertação de mestrado ao programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura**, Labor & Engenho, v. 1, n. 1, p. 1-2, mai./2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/96465>. Acesso em: 18 mai. 2022.

GOOGLE MAPS. **Prainha Maria Do Carmo**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Prainha+Maria+Do+Carmo/@-22.5158633,-48.5416224,15z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0x8fcc46acc7278093!8m2!3d-22.5158632!4d-48.5416223>. Acesso em: 20 mar. 2022..

GUIMARAES; ALANO, Elom. Parques lineares como agenciadores de paisagem: realidades e possibilidades do Rio Tubarão no contexto urbano de Tubarão, SC. **Dissertação (mestrado)**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-21, mai./2011.

IBGE. **Cidades e Estados- Igaracu do Tietê**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/igaracu-do-tiete.html>. Acesso em: 6 mai. 2022.

IGARAÇU DO TIETÊ. **Conheça Nosso Município**. Disponível em: <https://www.igaracudotiete.sp.gov.br/>. Acesso em: 1 set. 2022

ISSUU. **ESPACIO COLECTIVO + OPUS - Primer puesto concurso internacional**. Disponível em: <https://issuu.com/opus-medellin/docs/ccvc-dossier>. Acesso em: 6 abr. 2022.

MACEDO, Silvio Soares. **Parques Urbanos no Brasil**. 2. ed. São Paulo : EDUSP, 2003. p. 1-208.

MEDEIROS; MARTINS., José Marcelo. Parques Lineares Ao Longo De Corpos Hídricos Urbanos: Conflitos E Possibilidades: O Caso Da Orla Do Lago Paranoá – DF. **Tese (Doutorado Em Arquitetura E Urbanismo)**, Brasília, v. 16, n. 368, p. 1-2, mai./2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21465>. Acesso em: 10 abr. 2022.

OPUS. **Corredor verde de Cali**. Disponível em: <https://www.opusestudio.com/tercorredor-verde-cali>. Acesso em: 6 abr. 2022.

PARQUE IBIRAPUERA. **MAPAS DO PARQUE IBIRAPUERA**. Disponível em: <https://parqueibirapuera.org/parque-ibirapuera/mapas-do-parque-ibirapuera/>. Acesso em: 24 mai. 2022.

SILVA, Janaína Barbosa; PASQUALETTO, Antônio. O Caminho dos Parques Urbanos Brasileiros: da origem ao século XXI. **Revista vinculada ao programa de pós graduação em ciências ambientais e saúde**, Goiânia,, v. 40, n. 3, p. 287-298, mai./2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2919>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SILVA; DA, A. G. R. PARQUE DAS ÁRVORES: PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA NO ZOOLÓGICO MUNICIPAL DE ARAÇATUBA – SP. **Dissertação (Trabalho Final de Graduação Arquitetura e Urbanismo)**, Araçatuba, v. 1, n. 1, p.

1-2, nov./2018. Disponível em:
<https://servicos.unitoledo.br/repositorio/handle/7574/1984?mode=full>. Acesso em: 18 mar. 2022.

TEIXEIRA; SANTOS, Ricardo Dos. Analysis of appropriation by users of urban parks: study of cases in Pampulha Basin Belo Horizonte. **Dissertação (Mestrado em Manejo Florestal; Meio Ambiente e Conservação da Natureza; Silvicultura; Tecnologia e Utilização de)**, Viçosa, v. 1, n. 1, p. 1-2, jul./2007. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/3185>. Acesso em: 21 mar. 2022.